

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
MESTRADO EM HISTÓRIA

Monique Villani

**HISTÓRIA, IMPACTOS E RUPTURAS: O USO
COMERCIAL NAS EDIFICAÇÕES DA REGIÃO
CENTRAL DE CRUZ ALTA (1970-2020)**

Passo Fundo

2020

Monique Villani

HISTÓRIA, IMPACTOS E RUPTURAS: O USO
COMERCIAL NAS EDIFICAÇÕES DA REGIÃO
CENTRAL DE CRUZ ALTA (1970-2020)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial e final para a obtenção do grau de mestre em História sob a orientação do Prof. Dr. Gerson Luís Trombetta.

Passo Fundo

2020

CIP – Catalogação na Publicação

V716h Villani, Monique
História, impactos e rupturas [recurso eletrônico]: o uso
comercial nas edificações da região central de Cruz Alta
(1970-2020) / Monique Villani. – 2020.
10MB ; PDF.

Orientador: Prof. Dr. Gerson Luís Trombetta.
Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de
Passo Fundo, 2020.

1. Cruz Alta (RS) - História, 1970-2020. 2. Arquitetura
e sociedade. 3. Identidade. 4. Patrimônio cultural - Cruz Alta
(RS). I. Trombetta, Gerson Luís, orientador. II. Título.

CDU: 981.65

Catalogação: Bibliotecária Jucelei Rodrigues Domingues - CRB 10/1569

Banca Examinadora do Mestrado

Profa. Dra. Eloísa Helena Capovilla da Luz Ramos (UNISINOS)

Profa. Dra. Jacqueline Ahlert (UPF)

Prof. Dr. Gerson Luís Trombetta (UPF)

Aos meus pais, incentivadores dos meus sonhos.

RESUMO

O trabalho discorre sobre um conjunto de quatro vias da Rua Pinheiro Machado, na cidade de Cruz Alta, no Rio Grande do Sul. Situado entre as Praças General Firmino de Paula e Érico Veríssimo, é um espaço de importância histórica e social para a cidade por ser uma das primeiras ruas a compor sua malha urbana. Ao longo dos anos, passou por transformações em seus aspectos espaciais, devido às intervenções realizadas nas edificações para o desenvolvimento de práticas comerciais. O trabalho tem o intuito de fortalecer o diálogo e avaliar os conflitos dessa relação entre espaço, arquitetura, intervenções, identidade e memória. Apresentam-se caracteres históricos, políticos e urbanísticos que, de modo geral, esclarecem a composição desse espaço e de sua paisagem urbana, adotando-se uma postura plástica visual. A problemática se encontra na forma como as intervenções arquitetônicas externas, as mídias e as propagandas são aplicadas às edificações como consequência da comercialização intensiva no local. Isso faz com que se sobressaíam às construções e acabem por dar uma identidade desconhecida a esse espaço, o que se reflete na memória urbana. A pesquisa também transcorre brevemente sobre a história de Cruz Alta, o desenvolvimento de sua morfologia, lugares e elementos identitários, assim como alguns dos principais estilos arquitetônicos presentes nas edificações do centro da cidade e entorno. Também avalia como tais espaços são dominados pela especulação imobiliária e pela alta comercialização. A fundamentação teórica tem base em autores como Rossi (1998) e Jacobs (2000), abordando a utilização das áreas urbanas e as transformações ocorridas nas cidades no que diz respeito ao espaço e à memória. Carlos (2007) retrata a cidade como espaço a explorar, visando ao capital financeiro, ao comércio e à economia, quando esses passam a ser fatores dominantes. Cavalari (2011) retrata a história de Cruz Alta e alguns de seus elementos identitários como base de sua formação histórica. Complementando as fontes de pesquisa, alguns periódicos, artigos e trabalhos acadêmicos foram abordados. No que se refere à área em estudo, foram realizados levantamentos técnicos, descrições e observações. O espaço apresenta um misto de elementos em sua composição - fatores históricos, sociais, culturais, econômicos, arquitetônicos -, que fazem com que tenha uma identidade única. Destaca-se sua transformação ao longo dos anos e sua resiliência às ações impostas ao espaço. Mesmo que algumas de suas características essenciais tenham sido alteradas, permanece sua grande representação identitária para a cidade de Cruz Alta, motivo do reconhecimento de seu papel social.

Palavras-chave: Arquitetura. Cruz Alta. Identidade. Intervenção. Patrimônio.

ABSTRACT

This dissertation runs through a specific part of the Pinheiro Machado Street, in Cruz Alta, Rio Grande do Sul. Which is a set of four streets located between the General Firmino de Paula and Érico Veríssimo squares, a space with social and historical importance to the city, mainly because it was one of the first streets to form its urban network. Throughout the years, it has undergone considerable changes in its spatial arrangement, especially due to the commercial development which has caused some architectural interventions in the historical buildings located in this area. The objective of this study is to reinforce the dialogue and to evaluate the conflicts resulted from the relationship among space, architecture, interventions, identity and memory. Some historical, political and urbanistic characters are present because they clarify the composition of this setting and of its urban landscape, approaching therefore, a visual plastic posture. The problematic is the way how the external architectural interventions, the social media and the advertising are applied over these buildings as well as the effects of intensive commercialization at this area. As a result, these elements tend to stand out and the historical buildings become unknown which also affects the urban memory. This research approaches Cruz Alta's history, its morphological development, its places and identity elements as well as some of the main architectural styles present in the downtown buildings and around them. It also evaluates how the space is dominated by real estate speculation and high commercialization. In the theoretical foundation there are authors like Rossi (1998) and Jacobs (2000), addressing the use of urban areas and also the changes that have been occurred in the cities in regard to the space and the memory. Carlos (2007), portrays the city as a space to be explored, a place which aims the financial capital, the trade and the economy, when they become dominant factors. Cavalari (2011), brings the history of Cruz Alta and some of its identity elements as the foundation of its historical background. Some academic journals, articles and term papers were used to complete the research sources. In relation to the study field, technical researches, descriptions and observations were made. The space is a mixture of historical, social, cultural, economic, and architectural elements – which contributes to its unique identity. Its transformation throughout the years as well as its resilience to the actions that were imposed are factors that must be highlighted. Even though some essential characteristics have been changed, its huge identity representation to the city remains the same, and it is one of the reasons of its recognition as social role.

Keywords: Architecture. Cruz Alta. Identity. Intervention. Heritage.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 1 – Monumento à Cruz..... | 17 |
| Figura 2 – Rio Grande do Sul, 1834..... | 18 |
| Figura 3 – Planta urbana da cidade de Cruz Alta – 1881..... | 20 |
| Figura 4 – Planta urbana da cidade de Cruz Alta em 1900, 1944 e 1960..... | 20 |
| Figura 5 – Desenvolvimento urbano em 1929 e 1941..... | 21 |
| Figura 6 – Mapa Divisão Microrregiões de Cruz Alta..... | 21 |
| Figura 7 – Mapa da Macro Zona Urbana por uso do solo..... | 22 |
| Figura 8 – Ocupação dos lotes e a formação dos quarteirões..... | 23 |
| Figura 9 – Intensificação urbana Avenida Presidente Vargas..... | 23 |
| Figura 10 – Mapa de localização de lugares e elementos identitários..... | 24 |
| Figura 11 – Monumento Nossa Senhora de Fátima..... | 25 |
| Figura 12 – 29ª Grupo de Artilharia de Campanha Autopropulsada – Grupo Humaitá..... | 26 |
| Figura 13 – Prefeitura Municipal de Cruz Alta..... | 26 |
| Figura 14 – Monumento à Cuia..... | 27 |
| Figura 15 – Museu e estátua de Érico Veríssimo..... | 28 |
| Figura 16 – Estação Férrea de Cruz Alta..... | 28 |
| Figura 17 – Praça General Firmino de Paula e Praça Érico Veríssimo (Matriz)..... | 29 |
| Figura 18 – Monumento à Lenda da Panelinha..... | 30 |
| Figura 19 – Trecho Rua Pinheiro Machado..... | 30 |
| Figura 20 – Universidade de Cruz Alta..... | 31 |
| Figura 21 – Estilo Eclético - Casa Firmino de Paula e Frutuoso Brenner..... | 34 |
| Figura 22 – Estilo Eclético - Casa Rocha Montenegro e Lupinacci..... | 34 |
| Figura 23 – Estilo Neoclássico - Casa Morandini..... | 35 |
| Figura 24 – Estilo Neocolonial - Casa Solar Brandão e Abel Spellet..... | 35 |
| Figura 25 – Estilo Art Decó - Casa Veríssimo e Spellet e Clube Cruzaltense..... | 36 |
| Figura 26 – Estilo Modernista - Correios e residência..... | 36 |
| Figura 27 – Estilo Contemporâneo..... | 37 |
| Figura 28 – Contraste entre estilos arquitetônicos..... | 38 |
| Figura 29 – Alterações externas na Casa General Firmino de Paula..... | 39 |
| Figura 30 – Antiga Casa das Varandas (demolida) e atual prédio..... | 40 |
| Figura 31 – Casa Dumoncel à venda..... | 41 |

| | |
|---|----|
| Figura 32 – Fachadas alteradas..... | 42 |
| Figura 33 – Fachada remodelada..... | 42 |
| Figura 34 – Edificação fragmentada..... | 43 |
| Figura 35 – Edificação descaracterizada..... | 44 |
| Figura 36 – Fachada estilizada..... | 45 |
| Figura 37 – Construções em períodos diferentes..... | 47 |
| Figura 38 – Residência Família Brum modificada..... | 47 |
| Figura 39 – Edificação antiga substituída por nova..... | 48 |
| Figura 40 – Banco Pelotense substituído por nova edificação..... | 49 |
| Figura 41 – Banco Pelotense e Hotel Spellet substituídos..... | 50 |
| Figura 42 – Avenida General Osório esquina General Câmara..... | 51 |
| Figura 43 – Miscigenação entre diferentes estilos arquitetônicos..... | 51 |
| Figura 44 – Residência Família Gay abandonada e atualmente..... | 52 |
| Figura 45 – Edificações mantidas..... | 52 |
| Figura 46 – Localização do trecho em estudo..... | 55 |
| Figura 47 – Rua da Olaria em 1922 e Rua das Carretas..... | 55 |
| Figura 48 – Rua Pinheiro Machado ano de 1913..... | 56 |
| Figura 49 – Saneamento básico na década de 1930..... | 56 |
| Figura 50 – Rua Pinheiro Machado na década de 1960..... | 57 |
| Figura 51 – Rua Pinheiro Machado na década de 1980..... | 57 |
| Figura 52 – Parte da Rua Pinheiro Machado atualmente (2020) | 58 |
| Figura 53 – Setorização do Calçadão 1..... | 59 |
| Figura 54 – Obras na Rua Pinheiro Machado..... | 61 |
| Figura 55 – Inauguração adiada..... | 61 |
| Figura 56 – Inauguração do Calçadão..... | 62 |
| Figura 57 – População passeia no novo Calçadão..... | 62 |
| Figura 58 – Comerciantes contra Calçadão 2..... | 63 |
| Figura 59 – Prefeito declara construção do Calçadão 2..... | 64 |
| Figura 60 – Obra antecipada do Calçadão 2..... | 65 |
| Figura 61 – Posição contra o Calçadão..... | 65 |
| Figura 62 – Setorização Calçadão 2..... | 66 |
| Figura 63 – Calçadão atualmente, após revitalização..... | 67 |
| Figura 64 – Estabelecimentos do entorno..... | 68 |
| Figura 65 – Desfile do Corpo de Bombeiros década de 1950..... | 69 |

| | |
|--|----|
| Figura 66 – Desfile militar 1940 e cívico 1959..... | 69 |
| Figura 67 – Eventos não especificados (1951 e 1952) | 70 |
| Figura 68 – Rua com alto fluxo de movimentação 1949..... | 70 |
| Figura 69 – Carnaval Calçadão e desfile de moda em 1980..... | 71 |
| Figura 70 – Eventos culturais no Calçadão..... | 71 |
| Figura 71 – Comércio instalado no local..... | 72 |
| Figura 72 – Classificação de usos..... | 72 |
| Figura 73 – Principais estabelecimentos do local..... | 73 |
| Figura 74 – Vista Calçadão 1 e 2..... | 73 |
| Figura 75 – Vista ruas..... | 74 |
| Figura 76 – Publicidade na paisagem da Times Square..... | 75 |
| Figura 77 – Perfil viário 01..... | 78 |
| Figura 78 – Edificações à leste – perfil viário 01..... | 78 |
| Figura 79 – Edificações à oeste – perfil viário 01..... | 79 |
| Figura 80 – Vistas perfil 01..... | 80 |
| Figura 81 – Perfil viário 02..... | 81 |
| Figura 82 – Edificações à leste – perfil viário 02..... | 81 |
| Figura 83 – Edificações à oeste – perfil viário 02..... | 82 |
| Figura 84 – Vistas perfil viário 02..... | 82 |
| Figura 85 – Perfil viário 03..... | 83 |
| Figura 86 – Edificações à leste – perfil viário 03..... | 84 |
| Figura 87 – Edificações à oeste – perfil viário 03..... | 84 |
| Figura 88 – Vistas perfil viário 03..... | 85 |
| Figura 89 – Perfil viário 04..... | 86 |
| Figura 90 – Edificações à leste – perfil viário 04..... | 86 |
| Figura 91 – Edificações à oeste – perfil viário 04..... | 87 |
| Figura 92 – Vistas perfil viário 04..... | 87 |
| Figura 93 – Estado instável de conservação de edificações..... | 88 |
| Figura 94 – Placas publicitárias em destaque..... | 89 |
| Figura 95 – Equipamentos e elementos urbanos..... | 89 |
| Figura 96 – Lojas de apropriação externa..... | 90 |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| INTRODUÇÃO..... | 10 |
| I. PAISAGEM URBANA DE CRUZ ALTA..... | 15 |
| 1.1 Breve histórico de Cruz Alta..... | 15 |
| 1.2 Morfologia urbana de Cruz Alta..... | 18 |
| 1.3 Lugares e elementos identitários..... | 24 |
| II. ESPAÇO, ARQUITETURA E TRANSFORMAÇÕES..... | 32 |
| 2.1 Arquitetura cruzaltense e seus estilos..... | 33 |
| 2.2 Usos contemporâneos das edificações, intervenções e mídias externas..... | 38 |
| 2.3 Memória urbana e contrapontos..... | 46 |
| III. RUA PINHEIRO MACHADO: INTENSIFICAÇÃO COMERCIAL E OS IMPACTOS SOBRE A MEMÓRIA URBANA..... | 54 |
| 3.1 Histórico da Rua Pinheiro Machado..... | 54 |
| 3.2 Rua de pedestres: o Calçadão de Cruz Alta..... | 58 |
| 3.3 Pinheiro Machado: cenário urbano e social..... | 67 |
| 3.4 Centro comercial da Rua Pinheiro Machado: rupturas, permanências e memórias urbanas..... | 74 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 95 |
| REFERÊNCIAS..... | 99 |
| ANEXO A - Tabela de Prédios de Interesse Histórico Cultural Municipal..... | 105 |

INTRODUÇÃO

A cidade é o local em que se escreve a história do urbano, a memória do coletivo é preservada com lembranças espalhadas por meio de significados reais, simbólicos e concretos. É o lugar onde se constrói uma identidade base para o indivíduo e seu grupo social (LIMA, 2013). Apresenta, de modo geral, elementos em sua composição urbana - praças, igrejas, lojas, edifícios, ruas, monumentos isolados - que se assemelham aos de outros lugares. Diferenciam-se, entretanto, por sua composição morfológica, pelo modo como certos elementos se posicionam e se articulam entre si, induzidos por questões culturais, econômicas, sociais e políticas (LAMAS, 2010).

Carpintéro e Cerasoli (2009) questionam sobre o lugar que as cidades têm ocupado na narrativa da história. A concepção sobre as cidades modernas é formada a partir de estudos sobre o campo da arquitetura e do urbanismo, que se encontram multifacetados e na alternância entre rupturas e permanências. Somekh (2015) afirma que, atualmente, o patrimônio histórico necessita ser considerado e integrado como parte da cidade, fazendo parte da malha urbana através da valorização arquitetônica e histórica. É preciso criar essa visão de modo que essa não seja apenas uma questão de interesses econômicos.

Um dos principais meios de representação da sociedade acontece pela forma concreta de seus monumentos e fatos urbanos, que possuem uma relação intrínseca com a arquitetura e a memória uma vez que participam da formação identitária da cidade (KIEFER, 2005). A continuidade histórica desses “monumentos” está relacionada à permanência - situada entre os eixos da memória e da contemporaneidade -, referência que faz a conexão da história com os fatos urbanos, e determina a singularidade da cidade. Representa valores da memória e está conectada à sociedade, ainda que seja apenas de forma visual. A transformação da cidade é uma ação contínua e inevitável, em formas e fatos urbanos que seguem caracterizadores e modificadores da construção da memória, que será sempre diferente pelo constante processo de mutação (KIEFER, 2005).

Em sua maioria, as cidades são descritas por suas edificações, que são responsáveis pela estruturação física espacial e pelos elementos que organizam e compõem a urbanização. São essas as referências chave que possibilitam a visualização das características determinantes da sociedade. Revelam também a composição social e histórica do espaço, quais os princípios construtivos e os métodos que o definiram durante sua formação paisagística urbana, assim como sua modificação e evolução no tempo. É isso que permite criar a relação identitária entre

homem e espaço, representando a preocupação de uma sociedade que busca o conhecimento sobre sua origem.

Na história da arquitetura, muitas edificações nasceram com uma predestinação ao monumentalismo, são os exemplos das grandes igrejas, palácios, castelos, que naturalmente se perpetuam de forma única e singular. Por outro lado, encontra-se a arquitetura vernacular, segundo a qual os edifícios são construídos de forma simples, sem maiores intenções plásticas, com o objetivo de atender as necessidades práticas do homem. Com o tempo, essas construções também passam a ter papel importante para a história local, devido à relação específica que se forma com a comunidade (LYRA, 2006). Não são obras de grandes arquitetos nem de significativas expressões estilísticas, são as edificações que integram os sítios históricos, as moradias simples, os espaços comerciais com peculiaridades arquitetônicas e históricas (LYRA, 2006). Para Choay (2001), a partir desse momento, o edifício não é mais individual, ele é composto pelo conjunto da malha urbana, pelas junções de casas, bairros, cidades inteiras, e merecem valorização e reconhecimento.

Cidades e conjuntos arquitetônicos antigos: tendo se tornado patrimônios históricos de pleno direito, os centros e os bairros históricos antigos oferecem atualmente uma imagem privilegiada, sintética e de certa forma magnificada, das dificuldades e contradições com as quais se confrontam a valorização do patrimônio arquitetônico em geral, e em especial sua reutilização ou, em outras palavras, sua integração na vida contemporânea (CHOAY, 2001, p. 222).

Analisar os usos do espaço possibilita a percepção de que a paisagem se reproduz de diferentes modos. É a produção da ação e a transformação que a sociedade realiza em certos momentos ao longo do tempo, através de sua utilização para moradias, atividades, trabalho e lazer, produzindo marcas e imagens formadoras da história, que abrangem a vida humana e suas multiplicidades (CARLOS, 2007). Nessa perspectiva, este trabalho analisa o conjunto de quatro vias da Rua Pinheiro Machado, localizado entre as praças General Firmino de Paula e Érico Veríssimo, na cidade de Cruz Alta, no Rio Grande do Sul. Trata-se de um espaço que adquiriu grande relevância histórica, social e espacial na cidade, o que se deu por sua composição e uso ao longo dos anos. Avalia-se a constituição histórica do local, principalmente a maneira com que se transformou através das intervenções externas em suas edificações, tais como adaptações, mídias, propagandas, entre outras. Isso ocorreu para atender a intensificação das atividades comerciais, afetando a experiência estética visual, o que, de certa forma, interfere na

individualidade de cada obra e na paisagem urbana do conjunto. Do mesmo modo, reflete nas questões identitárias do lugar e em sua memória urbana¹.

As modificações ocorridas nos espaços urbanos, segundo Benevolo (1991), contam algumas vezes com ruas alargadas, modificadas ou substituídas por bairros modernos. O que se destaca, entretanto, são as edificações históricas, que se encontram espalhadas aleatoriamente entre as obras contemporâneas. Elas sobrevivem da forma que é possível, visto que não há mais a essência da cidade antiga, o que permanece são apenas algumas construções isoladas. Muitas edificações passam por transformações físicas e estéticas ao longo do tempo, devido às transformações a elas impostas, por questões sociais, econômicas ou práticas. Isso acontece pela necessidade de adequação que a contemporaneidade exige, para que desempenhem suas funções com qualidade e eficiência (CASTELNOU NETO, 1992). Exemplo disso são as transformações arquitetônicas pelas quais as construções passam nos centros urbanos, com o intuito de se adaptar às atividades econômicas. Nesses casos, observa-se uma ruptura estilística devido ao acréscimo de vitrines, placas publicitárias, holofotes e outros elementos, transformando-as e alterando também seus aspectos identitários. Algumas das intervenções que acontecem em função das atividades comerciais, de acordo com Portella (2010), empregam, muitas vezes, uma nova concepção construtiva, que entra em conflito com a originalidade da fachada. Representa um empobrecimento da aparência dos centros comerciais pelo fato de não apresentarem qualquer preocupação com a estética urbana. Tais modificações que têm o objetivo de fundo publicitário deveriam se integrar às características da própria obra e ao espaço urbano em que se localizam. Quando isso não acontece, o resultado pode ser inapropriado.

Ao longo do processo da dissertação, a intenção foi abordar o espaço em análise pela sua composição histórica espacial, mantendo-se suas edificações como elementos em destaque. Contudo, alguns obstáculos ocorreram, como a dificuldade para a contextualização do espaço pela falta de referências específicas sobre o local, problemas para ter acesso a alguns arquivos e dados sobre as edificações. Até mesmo a confusa composição espacial foi um desafio uma vez que foi preciso avaliar complexas adaptações, aglomerado de imóveis e espaços de difícil leitura visual.

Além disso, vale ressaltar que as intensões iniciais da pesquisa, como entrevistas com pessoas que circulam pelo local - para avaliar a relação entre estes e o espaço -, tiveram que ser anuladas devido a pandemia da Covid-19. O acontecimento exigiu mudanças na metodologia deste trabalho, que precisou ser ajustada a esta nova realidade, assumindo características de

¹ Passado de determinada cidade, com perspectiva voltada à sua composição espacial identitária urbana.

uma investigação mais visual e descritiva, principalmente realizada pelo uso de fotografias. De acordo com Mauad (2008) a fotografia vem acompanhando o desenvolvimento do mundo contemporâneo e registrando sua história com suas imagens, seja de grandes eventos, ou pequenos fatos, sendo sempre uma linguagem expressiva. A fotografia é uma fonte histórica, um símbolo do passado para o futuro, onde este documento se torna monumento devido a relevância do que retrata.

A fotografia quando utilizada como fonte histórica, não é apenas uma imagem ilustrativa, esta emite uma mensagem passível de leitura, onde guarda nesta superfície uma marca do passado sobre o presente, com lembrança e testemunho. A história voltada nas imagens expressa significados de cultura com conteúdo e signos, incitando a imaginação e incentivando o pensamento sobre a memória materializada na imagem (MAUAD, 2008).

No trabalho busca-se abordar a cidade em sua composição, através das concepções de autores como Carlos (2007), Jacobs (2000) e Lamas (2010). Lyra (2006) e Vaz (2009), são alguns dos autores que trazem ideologias sobre a arquitetura e as intervenções realizadas nas edificações. Já Choay (2001) e Kühn (2006) foram utilizados para abordar o patrimônio neste campo arquitetônico e urbano e Cavalari (2011), retrata a história da cidade de Cruz Alta.

O primeiro capítulo do trabalho, intitulado “Paisagem urbana de Cruz Alta”, traz um pouco da história de Cruz Alta, sua origem e ocupação. Retrata a formação do desenvolvimento urbano iniciado com o grande número de viajantes que cruzavam o local pela rota dos neutrais, o que ocasionou o surgimento de um pequeno povoado. Deu-se destaque à evolução urbana e morfológica ao longo dos anos, analisada através de algumas imagens de mapas que levam a essa interpretação, analisando-se, da mesma forma, a setorização da cidade atualmente. De acordo com Linch (2011), a setorização é uma organização mutável sobre o espaço, que desempenha inúmeras funções. É construída em um determinado tempo, de modo rápido e sem muito planejamento. Muitas vezes, apresenta uma forma descompromissada e adaptável aos objetos e percepções de seus cidadãos, que fazem nela modificações pelo uso e pelos componentes construtivos. Ainda nesse capítulo, apresenta-se um mapa criado pela autora com alguns dos espaços e elementos identitários da cidade. O motivo para tal seleção é esclarecido, bem como o significado desses lugares e a forma como se integram na malha urbana. Esses elementos, conforme Santos (1995), tornam-se símbolos locais e nacionais, identidades políticas e sociais, que remetem a um passado coletivo que é compartilhado.

O segundo capítulo retrata, inicialmente, alguns dos estilos arquitetônicos predominantes na paisagem urbana do centro de Cruz Alta e entorno. São utilizadas imagens de edificações locais para exemplificar e descrever os estilos em seus aspectos formais e

plásticos. Do mesmo modo, abordam-se os usos contemporâneos das edificações desse espaço, as quais são adaptadas para o desenvolvimento de atividades comerciais, através de intervenções externas pela necessidade de transformações, que têm como foco as mídias e propagandas, buscando definir uma identidade visual no local que remeta à função ali desenvolvida, o que altera a estética do prédio e faz com que se torne, muitas vezes, um elemento secundário. Avalia-se como essas intervenções se comportam nas edificações, quais os efeitos obtidos na análise visual dos edifícios - de forma individual, a cada edificação, e coletiva, no conjunto dos prédios - na paisagem urbana. Tais questões são retratadas por meio de imagens comparativas, que apontam para a perda de certos elementos identitários do espaço. Por outro lado, observa-se a preservação de alguns imóveis, que foram privilegiados por adaptações inteligentes.

O último capítulo apresenta dados da formação do espaço em estudo, seus aspectos sociais e espaciais, acontecimentos e usos, além de mostrar como se estruturou ao longo dos anos. Trata-se também da construção do Calçadão, que foi um fato muito importante para a composição espacial e a intensificação comercial do local. Alguns mapas foram criados pela autora com o objetivo de facilitar a compreensão, demarcar os principais estabelecimentos do local, entorno e usos. A fim de compreender como o local em estudo se apresenta atualmente, foram feitas imagens dos perfis viários do lugar e uma linha de tempo. As edificações foram destacadas e foi realizada uma leitura espacial e estética do lugar. As imagens da área que mostram alguns imóveis em períodos anteriores e atualmente permitem uma possível comparação entre eles, verificando as mudanças ocorridas ao longo do tempo. A análise visual possibilita perceber como a paisagem do local em estudo foi transformada, e como as intervenções se comportam, o que acaba por refletir na identidade e na memória do espaço.

Santos (1995) retrata a cidade histórica como um local de transição espacial, o que ocorre pela ambivalência que representa do passado. É possível imaginar sua história e patrimônio, interpretando, assim, o passado e o presente, o que reforça a identidade. Para Brandi (2004), o caráter histórico apresenta testemunhos da civilização do passado, é um documento da cultura urbana. Isso enriquece seu valor no futuro não apenas pela forma arquitetônica, mas por sua estrutura. Independentemente do reconhecimento artístico intrínseco particular, permanece seu significado e relevância.

I. PAISAGEM URBANA DE CRUZ ALTA

A paisagem urbana de Cruz Alta, assim como de outras cidades, se desenvolve continuamente através do processo da formação espacial, com seus bairros e ruas. Os lugares são formados de acordo com as necessidades de seus cidadãos, que os adaptam e modificam diariamente para uso e benefício. Tais ações, discretamente, definem e direcionam dada paisagem e a identidade local de seus respectivos moradores, pois é nesse espaço que os grupos sociais são criados, as práticas diárias se desenvolvem e a vida acontece de forma conjunta.

Para Lynch (2011), a paisagem ambiental é composta por três elementos determinantes: identidade, estrutura e significado, os quais estão sempre conectados. Primeiramente, a imagem requer identificação de seu objeto, reconhecimento de individualidade. A estrutura corresponde à relação espacial do objeto e de seu observador ou outros objetos a sua volta; já o significado é uma relação ambiental para com seu observador, de modo prático ou emocional. Sendo assim, a imagem pública de uma cidade é uma justaposição de muitas imagens individuais com comum significado social, histórico e utilitário. São as características físicas de texturas, formas, detalhes, tipos de construções, usos, habitantes, topografias e demais elementos que a compõem e determinam. Forma-se assim a composição da paisagem urbana, reforçando as experiências humanas e as relações com o entorno nesse cenário profundo, potencializando a cidade como símbolo de uma sociedade complexa, que, em relação aos termos visuais, pode ter um significado expressivo.

Compreender a paisagem urbana é um processo que possibilita entender o homem como agente causador e transformador, tendo o espaço urbano como cenário e parte desse resultado. Pode-se considerá-lo contínuo e infundável, através da busca constante do desenvolvimento de sua composição histórica, social, política, espacial e cultural.

1.1 Breve histórico de Cruz Alta

O patrimônio histórico urbano possibilita ver a maneira como uma sociedade constrói sua história (POULOT, 2009). A urbanização é responsável por contar parte de sua própria história, em que a arquitetura é comparada a uma natureza fabricada que dá vida a esse espaço, preenchendo-o e transformando-o. Forma a cidade ao imprimir nela uma identidade definida por essa produção, comparada a um registro, a uma escrita, à materialização de sua própria história (ROLNIK, 1995).

A formação da cidade de Cruz Alta teve início ainda durante o processo de composição das fronteiras no estado do Rio Grande do Sul. As rotas tornaram o local um ponto estratégico devido a sua localização territorial privilegiada em questões geográficas, políticas, econômicas e sociais.

Rocha (1980, p. 16) destaca que ao sul da atual cidade encontrava-se uma capela ao lado da qual havia uma cruz em madeira construída pelos jesuítas, tendo isso motivado o nome da cidade. José Custódia de Sá e Faria², que acompanhava a expedição em 1756, relatou, segundo Cavalari (2004), a passagem num local à sudoeste de Cruz Alta, que possuía duas casas próximas, e que um pouco distante dessas havia uma cruz grande em madeira, visível a qualquer viajante que ali cruzava. Era semelhante à outra cruz localizada nos caminhos dos ervais - a 15 km da Cruz Alta atual - e que, estima-se, que estava em pé desde a segunda fase jesuítica e a implantação das primeiras reduções nas proximidades. Esse seria um meio de demarcar a região no sentido norte-sul, indicando que a partir daquele ponto, na direção oeste, o território era castelhano.

Conforme Cavalari (2004), devido a disputa pelas terras entre Portugal e Espanha, criou-se o Tratado de Santo Ildefonso³ separando os territórios. O acordo foi feito por uma faixa neutra ao longo das fronteiras secas, denominado Campos Neutrais. Esse espaço continha aproximadamente 1500 metros de largura, era dividido por linhas paralelas que aproximavam ou distanciavam os espaços. Tal campo cruzava exatamente o local da cruz erguida, onde hoje encontra-se a cidade de Cruz Alta.

Na figura 01 abaixo, vê-se uma imagem ilustrativa do livro *A história de Cruz Alta*, de Prudêncio Rocha (1980), realizada pelo Frei José de Sant'Aver, que representava a cruz e a Capela do Menino Jesus. Ao lado, uma imagem do monumento construído em 1979, que se encontra em Benjamin Nott, onde, segundo Roeber (2020), ficava a suposta cruz original.

² Militar, engenheiro, arquiteto, cartógrafo, administrador e geógrafo colonial do século XVIII, com grande importância na exploração dos territórios brasileiros. Fonte: Fortalezas.org. Fortificações. Mundo, 19/09/2013.

³ Acordo de separação dos territórios por uma faixa neutra ao longo das fronteiras secas, evitando, assim, que a população entrasse em conflito. Foi um grande marco para a história local, pois ocasionou a formação de um corredor que, ao longo do tempo, tornou-se um meio de movimentação de pessoas e de ocupação, devido a sua extensão.

Figura 1 – Monumento à Cruz



Fonte: A história de Cruz Alta, 1980 (esquerda). Acervo pessoal, 2020 (direita).

Ocorreram longos embates entre Espanha e Portugal pela posse do território do estado do Rio Grande do Sul. Inicialmente, os Campos Neutrais - que não pertenciam a ninguém - ficaram sob posse da Espanha, passando para Portugal posteriormente. Com o tempo, o local em torno da grande cruz se tornou um grande centro de passagem e parada para os viajantes que circulavam pela Rota dos Neutrais. Muitos tropeiros deslocavam-se pela região devido à comercialização de animais para os estados de São Paulo, Minas Gerais e Goiás. Com a alta expansão da mineração, por volta de 1787 o local já era conhecido como Pouso da Cruz Alta. Somente por volta de 1808 houve as primeiras construções de casas na região da cidade, um local privilegiado pela localização estratégica comercial, e que também apresentava belas coxilhas, uma densa vegetação e água em abundância. Tais benfeitorias, ao longo do tempo, foram atraindo moradores (CAVALARI, 2004).

Nesse período, o acesso à região se dava pelas terras dos rios Uruguai e Jacuí, local em que, posteriormente, surgiram as cidades de Cruz Alta, Tupanciretã, Júlio de Castilhos, Carazinho, Passo Fundo, Santa Bárbara, Lagoa Vermelha, Vacaria, entre outras. Havia também acesso à cidade de Porto Alegre, passando por Santa Maria, que na época era apenas um Oratório. Esses caminhos beneficiavam os moradores, pois, com certo fluxo de movimentação, recebiam mercadorias e mantimentos de modo mais facilitado. Tal cenário estimulou o surgimento de vários ranchos ainda em 1820 (CAVALARI, 2004).

Cruz Alta começa a nascer realmente em 1º de agosto de 1821, com cerca de 1000 habitantes. Nessa data recebeu um ofício com reconhecimento de sua formação e orientações sobre os procedimentos necessários para a autorização da nova povoação de forma legal, exigindo-se, para tanto, a construção de uma capela e uma praça principal. Foi nomeada Vila

de Cruz Alta pela lei da Província, de 28 de maio de 1834, e somente em 12 de abril de 1879 Cruz Alta foi declarada município pela lei provincial nº1175 (CAVALARI, 2004, p.145).

A primeira divisão da Vila com seus limítrofes foi: 1º Distrito Vila Cruz Alta e arredores, 2º Distrito São Martino, 3º Distrito Botucaraí, 4º Distrito Passo Fundo, 5º Distrito Erval da Palmeira e 6º Distrito São Miguel. Por volta de 1834, foi considerada a maior cidade do Rio Grande do Sul.

Figura 2 – Rio Grande do Sul, 1834



Fonte: Cavalari, 2004, pg. 101.

Cruz Alta teve grande crescimento em aspecto territorial, econômico e político ao longo dos anos, devido a sua formação antiga. Foi distrito-mãe de mais de cinquenta municípios vizinhos, contribuindo muito para a história do Estado do Rio Grande do Sul. Moreira (2014) destaca que Cruz Alta foi cidade natal de importantes personagens gauchescos, como Érico Veríssimo, o senador José Gomes Pinheiro Machado, o político Júlio de Castilhos, os generais Salvador Pinheiro Machado e Firmino de Paula, o poeta Heitor Saldanha, o jornalista Justino Martins, o médico Heitor Annes Dias, dentre outros tantos.

Atualmente, Cruz Alta possui 62.821 habitantes, de acordo com o último censo de 2010 (IBGE). Apresenta área territorial de 1.358,818 km², o prefeito atual (2017-2020) é Vilson Roberto Bastos dos Santos. É uma cidade muito importante para o estado e a região em que se localiza, referência e base em muitas áreas do desenvolvimento para seus antigos distritos.

1.2 Morfologia urbana de Cruz Alta

Em aspectos geográficos, a cidade torna-se elemento apenas em questões espaciais, uma realidade material e física. No entanto, essa teoria está completamente ligada às relações sociais,

sendo necessário pensar na cidade em sua totalidade, como uma rede teórica-metodológica que à dá vida e sentido (CARLOS, 2007).

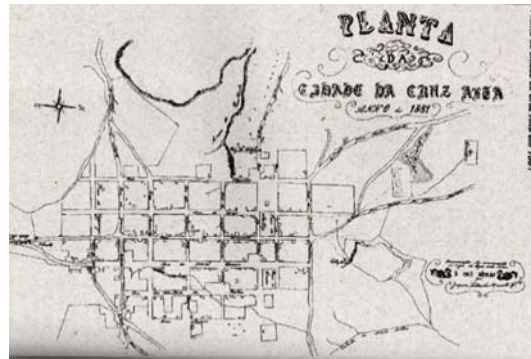
Através da análise da morfologia urbana da cidade, observa-se sua composição espacial, mas, acima de tudo, sua identidade temporal, pela apropriação e composição do espaço por sua sociedade. O espaço urbano é a materialização das relações sociais que ocorrem em determinado momento; assim, está carregado de valor social, revelando acontecimento e história. Associa-se ao tempo, um mosaico urbano que dá características de cada momento, em que a modificação da morfologia ocasiona a modificação dos usos e vice-versa (CARLOS, 2007).

A urbanização de Cruz Alta teve início ainda durante o surgimento da Vila Cruz Alta. O traçado simples era o demarcado inicialmente e o crescimento se dava nas proximidades da praça central, que contava com a igreja limitando o território. Em frente ao terreno da praça, localizava-se a rua principal que era conhecida como Rua da Olaria, atualmente Pinheiro Machado. As demais edificações espalhavam-se ao longo dela e em seu entorno, um desenvolvimento tradicional de pequenos povoados que surgiram no período.

Com as pesquisas realizadas pelo historiador Cavalari (2004), através da lista de eleitores da época, percebe-se que os residentes no local eram em sua maioria de origem luso-brasileira. Havia quarteirões inteiros ocupados pelas mesmas famílias, o que denota a formação dos núcleos familiares. O número de habitantes era de, aproximadamente, 3000 pessoas, isso sem considerar mulheres, crianças e outras pessoas que não tinham direito a voto.

A figura 03 traz o mapa da cidade de Cruz Alta no ano de 1881, dois anos após ser declarada município. Percebe-se o início de uma morfologia urbana surgindo, um traçado linear, quadriculado, plenamente articulado, embora ainda pequeno. Nota-se já a presença de algumas divisões de lotes, uma malha urbana organizada com distribuição dos quarteirões respeitando a topografia, a urbanização em desenvolvimento. Essa formação espacial foi a base para a composição do restante da cidade ao longo dos anos.

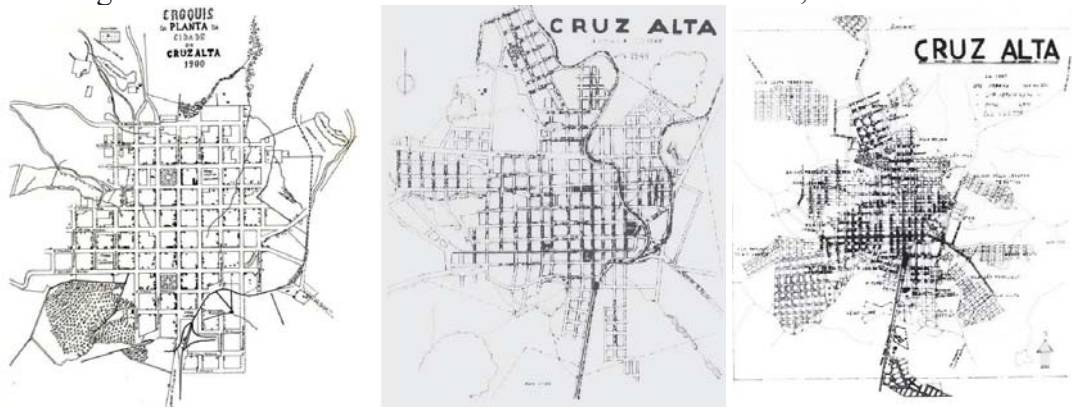
Figura 3 - Planta urbana da cidade de Cruz Alta - 1881



Fonte: Cavalari, 2004, pg. 144.

Através da figura 04 é possível observar o rápido crescimento territorial urbano da cidade, comparando-se os anos de 1900, 1944 e 1960. É notável a alta expansão espacial ao redor no núcleo inicial - que se espalha ao longo da superfície -, o modo como essa morfologia foi crescendo e como os bairros e ruas foram sendo articulados e ligados entre si.

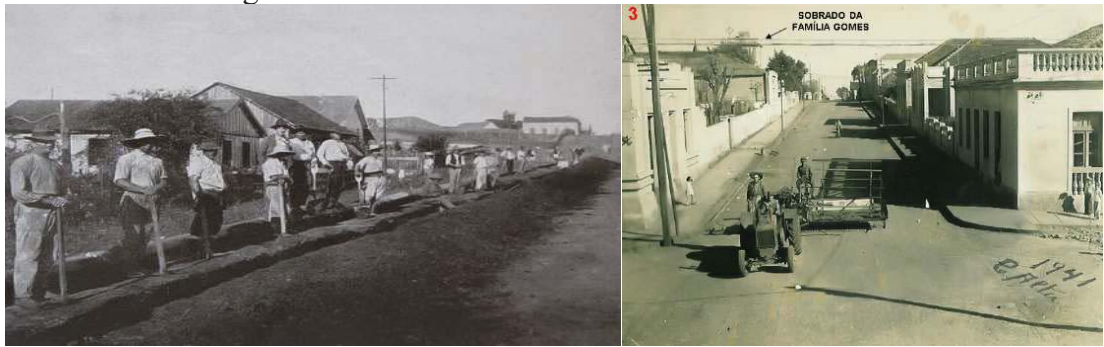
Figura 4 - Planta urbana da cidade de Cruz Alta em 1900, 1944 e 1960



Fonte: Durigon, Schettert e Sebastião 1986, não paginado (esquerda). Prefeitura Municipal [200-], não paginado (centro). Prefeitura Municipal [200-], não paginado (direita). Editado pela autora, 2020.

Pode-se visualizar também seu crescimento e desenvolvimento espacial mediante a sua composição urbana, com instalações de equipamentos, abertura de vias, formação de bairros, construções de edificações. A figura 05 mostra a Avenida General Osório, no ano de 1929, em obras de saneamento básico, e a Rua Duque de Caxias em 1941, já asfaltada e com a presença de veículos.

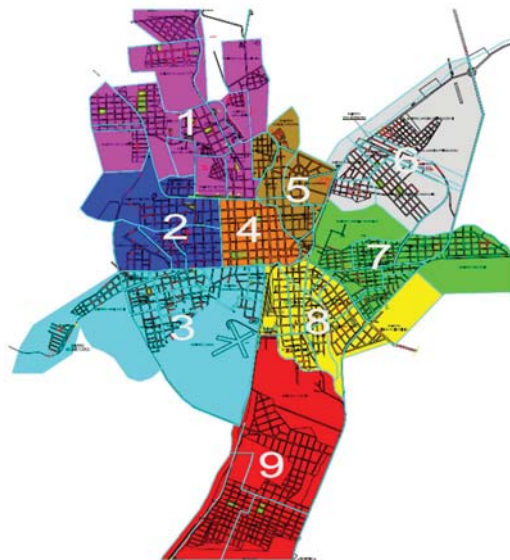
Figura 5 – Desenvolvimento urbano em 1929 e 1941



Fonte: Roeber, 2020. Disponível em: <<http://www.unimedplanaltocentralrs.com.br/cruz-alta/index.php?nfpag=4>>. Acesso em: 17 jul. 2020.

Atualmente, com a dimensão territorial da cidade em 1.358,818 km², segundo dados do IGBE (2010), é preciso ter uma organização documentada para ser possível o controle espacial. Para tanto, a Prefeitura Municipal de Cruz Alta dispõe de um mapa de divisão das microrregiões (2007) da cidade, as quais são setorizadas como mostra a figura 06. As regiões de numeração 1 e 2 compõem a Zona Macro Norte com 16 bairros, a região de número 3 dá forma à Zona Macro Oeste com 12 bairros. As regiões com numeração 4, 5 e 6 são denominadas Zona Macro Leste, que apresenta 16 bairros, e as regiões com numeração 7, 8 e 9 formam a Zona Macro Sul, com 23 bairros.

Figura 6 – Mapa Divisão Microrregiões de Cruz Alta



Fonte: Prefeitura Municipal de Cruz Alta, 2007, editado pela autora, 2020.

A figura 07 mostra o Mapa da Macro Zona Urbana por uso do solo, com algumas das principais áreas da cidade. Os locais são representados da seguinte maneira: os que se encontram na coloração referente ao número 1 são parte da Zona Residencial Mista 1; o número

2 diz respeito às áreas da Zona Residencial Mista 2; o número 3 são Zonas de Interesse Público; o número 4 refere-se à Zona Comercial de Ocupação Intensiva; o número 5, Zona de Entorno de Patrimônio Histórico Cultural Tombado-1; o número 6, Zona de Entorno de Patrimônio Histórico Cultural Tombado-2; o número 7 refere-se ao Eixo Comercial; o número 8, Unidade de Conservação Ambiental; o número 9, Eixo Industrial.

Figura 7 – Mapa da Macro Zona Urbana por uso do solo



Fonte: Prefeitura Municipal de Cruz Alta, 2011, editado pela autora, 2020.

Observa-se uma distribuição e ocupação territorial estruturada, que se adaptou à topografia, ao tempo e ao espaço. A área inicial da cidade situa-se nas Zonas 4, 5 e 6, como se fosse seu coração, um órgão vital. Esse espaço tem aspecto mais patrimonial, apresentando edificações antigas e históricas que representam a trajetória urbana da cidade. Isso explica uma arquitetura mais peculiar, um espaço de caráter identitário e cultural muito importante. No centro, além do setor patrimonial histórico-cultural, ainda se desenvolveu o setor comercial com grande presença de lojas, farmácias, boutiques, lancherias, clínicas e restaurantes. É possível observar a alta taxa de ocupação dos terrenos para aproveitamento dos lotes, construções realizadas no limite do passeio e as inúmeras propagandas publicitárias.

Figura 8 – Ocupação dos lotes e a formação dos quarteirões



Fonte: Google Earth (esquerda). Acervo pessoal, 2020 (direita).

O crescimento urbano da cidade ao longo do tempo propiciou, além de desenvolvimento e modificações em aspectos morfológicos, o surgimento de novas edificações, a transformação de outras, o preenchimento de lotes desocupados e a construção de grandes edifícios. Essa modernização e evolução são visíveis quando se comparam as imagens da Avenida Presidente Vargas no ano de 1970 e na atualidade, mostradas na figura abaixo.

Figura 9 – Intensificação urbana Avenida Presidente Vargas



Fonte: Roeber, 2020. Disponível em: <<http://www.unimedplanaltocentralrs.com.br/cruz-alta/index.php?nfpag=4>>. Acesso em: 17 jul. 2020.

Apesar de possuir uma morfologia estruturada e organizada, Cruz Alta apresenta formação diversificada ao longo do tempo, conforme seus espaços, bairros e distribuições. Percebe-se a predominância específica de determinadas características e elementos peculiares como traçados, planos e formas. Isso torna possível, acima de tudo, a compreensão da relação entre o passado e o presente, e como isso ocorre em sua espacialidade.

Percebe-se assim, que a morfologia urbana é passível de múltiplas leituras uma vez que estuda o meio urbano com suas formas, fenômenos, aspectos e relações implicadas na formação determinante do espaço, explicando a paisagem urbana e sua estrutura. Apresenta, portanto, ligação com estudos interdisciplinares - de história, arquitetura, economia, sociologia, geografia -, com o objetivo em comum de explicar a cidade como objeto concreto, fenômeno físico

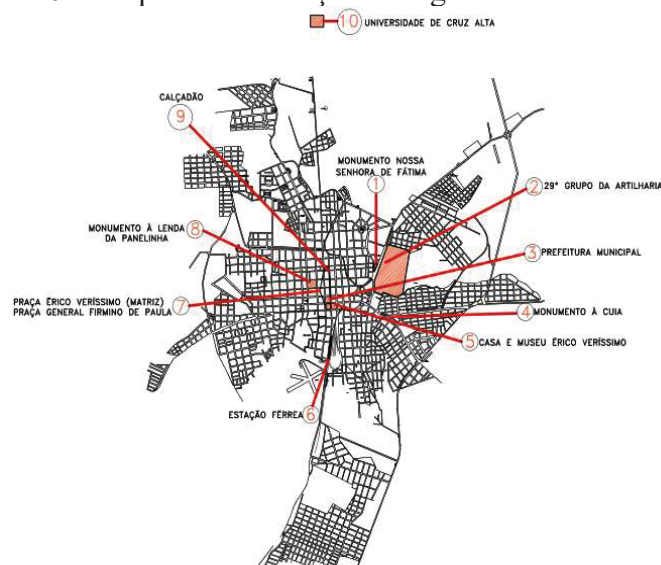
construído, sua formação, transformação, resultados e interligações com os fenômenos sociais, econômicos e políticos; tais processos são, ao longo do tempo, essenciais para a composição urbana (LAMAS, 2010).

1.3 Lugares e elementos identitários

A cidade se materializa a partir da construção humana, uma produção histórica que se desenvolve pela sociedade ao longo de várias gerações. É uma obra-produto que se efetiva com a realidade espacial ligada ao passado, mas também relacionada com a vida cotidiana do presente e do futuro. A cidade é a produção histórica do homem através da prática socioespacial, a realização da vida humana no espaço. Assim, para a análise espacial da cidade não é possível dissociar a relação homem-sociedade, a qual se torna matéria em território real e concreto, dando vida à cidade (CARLOS, 2007).

Ao longo da formação de Cruz Alta, inúmeros lugares ganharam importância devido a sua representatividade. São espaços comuns, edificações, locais públicos, estátuas, monumentos, que, de alguma forma, estão relacionados à história local ou ao desenvolvimento social, merecendo destaque e reconhecimento. A figura 10 traz um mapa criado pela autora que destaca e setoriza alguns desses elementos identitários da malha urbana, selecionados por possuírem certos atributos identitários.

Figura 10 – Mapa de localização de lugares e elementos identitários



Fonte: Prefeitura Municipal de Cruz Alta, editado pela autora, 2020.

O ponto de número 01 demarcado no mapa é um dos grandes elementos identitários de Cruz Alta, monumento dedicado a Nossa Senhora de Fátima. Foi idealizado pelo Padre Luís Bottari, que se empenhou na campanha para a sua construção recolhendo material doado, e também comprando o material que não conseguiu arrecadar. A obra teve início em abril de 1950, no dia 10 de outubro de 1952 chegava pela linha férrea a imagem da Virgem de Fátima, que foi doada pelo governo português à comunidade cruzaltense. No dia 12 de outubro do mesmo ano foi realizado um ato solene de inauguração. O monumento, que possui 31 metros de altura, situa-se perto da entrada da cidade, num terreno alto com vista privilegiada, podendo ser visto também de algumas ruas e bairros do entorno (ROCHA, 1980, p. 196). Ao longo dos anos, tornou-se um ponto de referência para a cidade e região.

Anualmente, acontece no local a Romaria em honra a Nossa Senhora de Fátima. No ano de 2019, conforme Welter (2019), foi realizada a 68ª edição da celebração, que chegou a reunir cerca de 150 mil fiéis de várias cidades do estado. O ato acontece sempre no mês de outubro, momento em que ocorre uma procissão com o traslado da imagem de Nossa Senhora de Fátima da Catedral da cidade até o Monumento. Caracteriza-se por ser um dia de fé, oração e devoção.

Figura 11 – Monumento Nossa Senhora de Fátima



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

O ponto 02 refere-se ao 29º Grupo da Artilharia de Campanha Autopropulsado - Grupo Humaitá, que foi estabelecido em Cruz Alta no ano de 1909. Isso ocorreu devido à posição geográfica estratégica da cidade, a presença de ferrovia e ao desenvolvimento socioeconômico na época. Para Silva (2015), o espaço que ainda está em atividade atualmente apresenta uma belíssima composição arquitetônica do período, além da importância histórica, social e militar.

Figura 12 – 29ª Grupo de Artilharia de Campanha Autopropulsada – Grupo Humaitá



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

A Prefeitura Municipal, também chamada de Palácio da Intendência, é uma edificação de grande destaque no cenário urbano da cidade. Foi construída entre os anos de 1911 e 1914 por Theodor Alexandre Josef Wiedersphan, arquiteto e colaboradores. Trata-se de um exemplar da arquitetura eclética com características semelhantes a outros prédios construídos na mesma época, principalmente em Porto Alegre, por seus responsáveis. Foi inaugurada, segundo Cavalari (2011), no dia 07 de setembro de 1914 pelo intendente Firmino de Paula Filho. Localizada em frente à Praça General Firmino de Paula, a edificação foi tombada juntamente com a casa Érico Veríssimo pelo IPHAE, ambas em 1984.

Figura 13 - Prefeitura Municipal de Cruz Alta



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

No encontro entre a Avenida Plácido de Castro e a Saturnino de Brito foi instalado o Monumento à Cuia (figura 14), inaugurado em 1999, um grande marco para a cidade. O objetivo foi homenagear o chimarrão e a hospitalidade gaúcha, que representam os costumes e tradições do estado do Rio Grande do Sul. Tornou-se um ponto de referência local devido a sua

representação cultural, por localizar-se entre essas avenidas movimentadas e por estar próximo a um dos principais acessos à cidade.

Figura 14 – Monumento à Cuia



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

Nascido em Cruz Alta, o escritor Érico Veríssimo foi autor de obras literárias reconhecidas no Brasil inteiro, pelas belas histórias que retratam aspectos sociais e culturais do país e do Rio Grande do Sul, como *Olhai os lírios do campo*, *O tempo e o vento* e *Caminhos cruzados*. Sua antiga residência tornou-se um local de referência, pois, conforme dados do site do IPHAE, foi onde Érico viveu seus primeiros anos de vida. A casa foi adquirida pelo avô do escritor em 1893, passou por uma restauração em 1968, quando o município realizou o tombamento tornando-a museu, que abriga objetos e móveis que pertenceram ao autor e sua família. No ano de 2018, a Praça Érico Veríssimo recebeu uma estátua em homenagem ao escritor, este que está sentado de pernas e braços cruzados em um banco em que foi fixada a seguinte passagem: “Felicidade é a certeza de que a nossa vida não está se passando inutilmente”, citação do livro *Olhai os lírios do campo*.

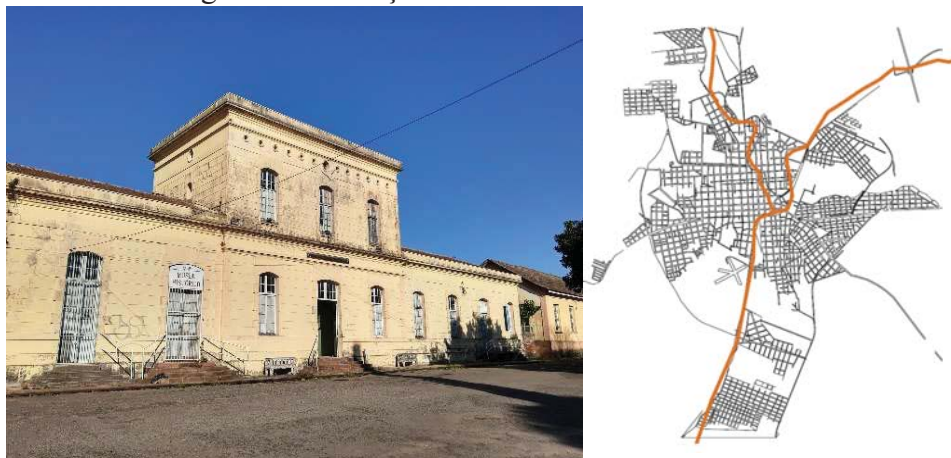
Figura 15 - Museu e estátua de Érico Veríssimo



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

Outro ponto marcante da cidade é a Estação Férrea de Cruz Alta, que, de acordo com Silva (2000, p. 20), foi construída entre 1892 e 1894. A linha de Cruz Alta fazia parte da rede de trens que ligava o estado às Províncias de São Paulo e do Paraná, em direção a Santa Maria e Marcelino Ramos. Foi grande responsável pelo desenvolvimento comercial e industrial da cidade na época, pois facilitava a compra e venda de materiais e produtos, favorecendo o crescimento socioeconômico local. Atualmente, o prédio apresenta algumas depredações devido ao pouco uso, embora ainda seja utilizado pela Prefeitura Municipal como Museu Histórico. Uma parte dele dá suporte à ferrovia que ainda está em funcionamento, transportando produtos agrícolas e combustível. Na figura 16, apresentam-se uma imagem da Estação Férrea e um mapa que mostra o trecho realizado pelo trem dentro do perímetro urbano.

Figura 16 – Estação Férrea de Cruz Alta



Fonte: Acervo pessoal, 2020 (esquerda). Prefeitura Municipal de Cruz Alta (2007), editado pela autora, 2020 (direita).

As praças centrais General Firmino de Paula e Érico Veríssimo - esta conhecida popularmente como Praça da Matriz - são espaços públicos de destaque na cidade. A primeira

situa-se em frente à Prefeitura Municipal, levando o nome do importante general; a segunda, em frente à Catedral. São pontos importantes por terem acompanhado praticamente todo o desenvolvimento urbano da cidade, também por estarem interligadas por parte da Rua Pinheiro Machado. Além disso, apresentam valor social por receberem diariamente um fluxo intenso de pedestres.

Figura 17 – Praça General Firmino de Paula e Praça Érico Veríssimo (Matriz)



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

A figura 18 é uma imagem do Monumento à Lenda da Panelinha, uma fonte que representa a vertente da Panelinha, que, conforme Madeira e Pozzatto (2011), é a lenda mais tradicional de Cruz Alta. No início da formação da cidade, constituiu-se um pequeno povoado onde hoje é a atual praça Érico Veríssimo. Nas proximidades desse local, havia uma nascente chamada Arroio da Panelinha, que desaguava em uma segunda vertente com águas límpidas e abundantes, formando uma pequena cachoeira. Nesse local as lavadeiras batiam roupas diariamente, e seguidamente paravam tropeiros que estavam em viagem para descansar. Muitas vezes, acabavam se envolvendo com as mulheres e retornavam à cidade mais tarde, geralmente para casar e ali fixar moradia. Diz a lenda que quem bebesse da fonte da Panelinha sempre retornaria à Cruz Alta.

Figura 18 – Monumento à Lenda da Panelinha



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

O trecho da Rua Pinheiro Machado - espaço que fica entre a Praça General Firmino de Paula e a Praça Érico Veríssimo - é um ponto relevante da cidade. Foi um grande espaço social e atualmente apresenta um alto número de edificações com variados estilos arquitetônicos, além do Calçadão público. Funciona, em grande parte, como centro comercial, local em que muitas pessoas trabalham, circulam, passeiam.

Figura 19 – Trecho Rua Pinheiro Machado



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

O último ponto em destaque é a Universidade de Cruz Alta (Figura 20), criada pelo decreto nº 97.000, de 21 de outubro de 1988, e reconhecida pela Portaria Ministerial nº 1.704/93, de 03 de dezembro de 1993. Situa-se fora do perímetro urbano e, atualmente, possui cursos de graduação, pós-graduação, laboratórios, estúdios, atendendo mais de 3200 alunos da cidade e região (UNICRUZ, 2020).

Figura 20 – Universidade de Cruz Alta



Fonte UNICRUZ, 2020. Disponível em: <<https://home.unicruz.edu.br/2019/10/31-anos-de-historia/>>. Acesso em 20 mai. 2020.

Os elementos destacados acima, assim como tantos outros, compõem a cidade de Cruz Alta. Merecem destaque por seus aspectos históricos, sociais e culturais. Para Rossi (1998), o valor da história ligado à memória coletiva ajuda a compreender a importância da estrutura urbana, em sua forma individual, através da arquitetura da cidade, que, de certo modo, é única e original. A união entre o passado e o futuro ocorre na própria cidade, local da formação da memória da vida da população que vivencia a realidade diariamente.

O patrimônio monumental cultural é um conjunto de elementos que forma a identidade de determinado grupo social, é o modo como o homem se adapta, transforma, pratica ações, ou seja, é um processo em constante evolução. Inspira valores relacionados a um local, a um grupo, gerando o sentimento de pertencimento e apego. É o que define cada pessoa e a faz sentir parte do meio que habita (FONSECA, 2005).

II. ESPAÇO, ARQUITETURA E TRANSFORMAÇÕES

Este capítulo aborda a composição histórica construtiva de Cruz Alta, tendo como recorte espacial o centro e entorno. Traz alguns dos estilos arquitetônicos mais encontrados nesse espaço como elementos relevantes na formação visual. Além disso, destacam-se os usos contemporâneos e as mídias externas, bem como o reflexo dessas ações nas edificações e na paisagem urbana, o que se reflete na memória local.

Na maioria das vezes, a percepção da cidade por seus usuários é parcial, fragmentada ou imparcial, em um misto com outros condicionantes que ajudam a compor tal imagem. Os construtores estão sempre transformando essa estrutura, os detalhes e elementos simples de sua formação. Por isso, essa imagem se torna instável uma vez que não há um resultado final, mas uma contínua sucessão de fases (LYNCH, 2011). A cidade pode passar por mudanças simples ou radicais - causadas por guerras, modernizações, fenômenos, ou até pela simples vontade do homem -, por curto ou longo período, em lugares isolados ou não. Isso deixa marcas registradas, demonstrando, assim, toda a resiliência da cidade (ROSSI, 1998). Para Lynch (2011, p. 01), “Como obra arquitetônica, a cidade é uma construção no espaço, mas uma construção em grande escala; uma coisa só percebida no decorrer de longos períodos de tempo. O Design de uma cidade é, portanto, uma arte temporal[...]”.

Rossi (1998) relaciona a arquitetura a uma criação humana, um meio para a formação da cidade. O tempo, o lugar e a cultura modificam a cidade, deixando sua alma e sentimentos evidentes. Rolnik (1995) define a arquitetura urbana como um registro da vida social, a formação da cidade que, ao longo dos anos, com seus estilos, técnicas e formas dão a ela significado e vida. A arquitetura urbana compreende o papel da memória viva na cidade, como a escrita que conta uma história. Transmite visualmente sua vitalidade através do desenho das ruas, dos templos, das casas, das praças, cada um com sua especificidade. É possível de se decifrar e “ler” como um texto interpretativo, compreendendo o seu desenvolvimento, formação e composição (ROLNIK, 1995).

A forma urbana diz respeito aos aspectos visuais da cidade, sua aparência ou configuração exterior. A arquitetura tem caráter essencial, pois são os critérios funcionais que determinam as formas e tipologias construtivas, são os conjuntos arquitetônicos ligados entre si por relações espaciais que compõem a forma urbana. A forma da cidade corresponde ao modo em que se organiza e articula a arquitetura, caracterizando-se o espaço, no qual a variação dos contextos ao longo dos anos propõe diferentes meios de desenho urbano (LAMAS, 2010).

2.1 Arquitetura cruzaltense e seus estilos

Considerando-se seus 199 anos de história, Cruz Alta apresenta uma morfologia urbana em que a arquitetura de suas edificações sempre se apresentou de forma marcante na paisagem local. Os edifícios e casas foram sendo construídos ao longo dos anos de forma diversificada, conforme suas particularidades, épocas e usos. Para o propósito deste trabalho, foram selecionadas algumas edificações do centro da cidade e entorno, com o intuito de exemplificar alguns dos estilos arquitetônicos remanescentes que se apresentam na paisagem atualmente. Algumas dessas edificações são mais antigas, tendo sido construídas a partir de 1900.

Conforme Hochmuller (2002, p. 18), durante a instalação férrea em Cruz Alta, por volta de 1892, era necessária mão de obra especializada para a operação dos maquinários. Isso ocasionou a vinda de trabalhadores de outros lugares para a cidade, muitos deles, inclusive, vieram de países de origem europeia. Ao chegar na cidade, esses imigrantes construíram novas moradias aplicando suas próprias técnicas arquitetônicas, o que é possível perceber, principalmente, pelos materiais diversificados de construção, como aberturas e ferros, assim como os detalhes construtivos-decorativos mais elaborados, usados para dar acabamento à fachada principal. Aos poucos, essas edificações características foram preenchendo lotes e compondo a paisagem urbana. Moreira (2014) salienta que essas construções eram voltadas ao desenvolvimento das atividades práticas do local, sem intenção estética qualificada, o que ocorreu de forma não intencional.

Atualmente, essas edificações estão distribuídas aleatoriamente pela malha urbana, a maioria delas no centro da cidade, visto ter sido o início urbano constituído nesse espaço. Não há uma setorização precisa ou categorização específica, pois algumas dessas construções possuem um histórico definido, um esplendor arquitetônico ou, até mesmo, possuem proteção municipal, uso específico, preservação e reconhecimento. No entanto, outras encontram-se em estado de abandonado, com usos controversos, ou foram destruídas, o que demonstra não haver padronização nesse conjunto.

Ao observar a formação urbana de Cruz Alta, identifica-se que diversos estilos arquitetônicos foram definindo sua paisagem urbana, o que mostra a evolução construtiva ao longo dos anos. É possível perceber detalhes caracterizadores que definem certas obras, o que permite compará-las e diferenciá-las por tais individualidades. Um dos estilos perceptíveis na composição de diversas edificações do centro da cidade e entorno é o eclético⁴, que apresenta

⁴ Estilo arquitetônico que perdurou entre os séculos XIX e XX, apresenta um misto de elementos de variados estilos, criando uma nova linguagem arquitetônica. Esta tendência chegou ao Brasil ao longo do século XIX.

arquitetura elaborada, riquezas decorativas e fachadas ornamentadas, que se destacam por inúmeros detalhes nas platibandas e frontões⁵. A Casa General Firmino de Paula (1914) e o Frutuoso Brenner (1920) são grandes exemplares dessa arquitetura.

Figura 21 - Estilo Eclético - Casa Firmino de Paula e Frutuoso Brenner



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

Do mesmo modo, as Casas Rocha Montenegro (construção de 1921, aproximadamente) e Lupinacci (1920) seguem o mesmo estilo. Apresentam as características citadas anteriormente, além da visível simetria na composição das fachadas, cornijas⁶ acima das janelas e em partes das paredes e varandas com acesso ao passeio público.

Figura 22 - Estilo Eclético - Casa Rocha Montenegro e Lupinacci



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

⁵ Elemento decorativo situado no topo da fachada do edifício, compondo a platibanda.

⁶ Moldura que serve como detalhe ou proteção da fachada; saliência que se destaca da parede por seu relevo mais acentuado.

Já a Casa Morandini, construída em 1900, de acordo com Silva (2000), é representante do Neoclássico⁷, estilo que também se encontra em outras edificações locais. Apresenta em sua composição uma monumentalidade e esplendor arquitetônico, clareza espacial simétrica e geométrica, além de janelas em arco de referência romana, que finalizam sua harmonização.

Figura 23 - Estilo Neoclássico - Casa Morandini



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

O Neocolonial⁸ é outro estilo arquitetônico presente em algumas edificações locais, como as Casas Solar Brandão (1925) e Abel Spellet (1930). São características notáveis os detalhes dos largos beirais, o telhado aparente, as varandas que funcionam como um hall de acesso, o acabamento do reboco engrossado, os singelos elementos circulares decorativos e a presença de jardim na área externa.

Figura 24 - Estilo Neocolonial - Casa Solar Brandão e Abel Spellet



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

⁷ Estilo arquitetônico que perdurou entre meados do século XVIII até XIX, carrega um protótipo estético do classicismo, mas acima disso uma questão moral, onde se alinha com o espírito do científico e do iluminismo, inspirado na arquitetura greco-romana. Teve início no Brasil junto com a literatura no século XIX.

⁸ Estilo arquitetônico que surgiu em meados do século XX, remetendo a arquitetura brasileira e seus aspectos culturais no cenário nacional do período colonial.

Com decoração simples, formas elegantes e linhas geométricas, o Art Decó⁹ também está presente no local. Apresenta ordem e harmonia, destacando-se por valorizar as formas da edificação. A Casa da Família Veríssimo e Spellet (1897) e o Clube Cruzaltense (1985) mostram que esse estilo chegou à cidade com uma intenção plástica minimalista, evitando muitos detalhes e ornamentos.

Figura 25 - Estilo Art Decó - Casa Veríssimo e Spellet e Clube Cruzaltense



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

O estilo Modernista¹⁰ que se expandiu por diversos países do mundo também chegou à região, apresentando grandes volumes, fachadas mais livres, uso de vidros, sem muitos detalhes. A figura 26 mostra o prédio em que atualmente funciona os Correios e uma edificação residencial, modelos desse estilo.

Figura 26 - Estilo Modernista - Correios e residência



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

⁹ Movimento artístico e arquitetônico que surgiu na Europa no final do século XIX, buscando elegância e simplicidade, com desenhos modernos, volumes e elementos ornamentados.

¹⁰ Faz parte de um estilo que surgiu durante o século XX na Europa, buscando rever o que era ultrapassado. Na arquitetura era representado por edificações amplas, fachadas livres, com utilização de aço, concreto e vidro.

Além dos exemplares mostrados acima, o local apresenta outras edificações que merecem destaque. Algumas delas recebem proteção municipal, segundo a legislação vigente, devido ao seu caráter histórico - por ter pertencido a alguém importante, ter desempenhado função de renome - ou por seu estilo arquitetônico. Por outro lado, outras edificações são apenas de responsabilidade dos próprios proprietários, apesar do caráter histórico ou estilo, que deveriam ser preservados.

No ano de 2007, criou-se a Tabela de Prédios de Interesse Histórico Cultural Municipal - que se encontra nos anexos deste trabalho -, a qual apresenta o total de 47 prédios selecionados para proteção e controle municipal. Além disso, foi formada uma comissão do patrimônio que é responsável por tomar providências e zelar pelas obras importantes da cidade, mesmo aquelas que não se encontram na tabela. A comissão tem poder para autorizar reformas, vendas, demolições e outras ações que seus proprietários desejem realizar. É preciso, no entanto, passar primeiramente pela avaliação e aprovação da comissão.

Atualmente, as novas construções apresentam uma simultaneidade de estilos que compõem as edificações. A partir das questões projetuais, um misto de elementos dá forma a certas obras e ao estilo Contemporâneo¹¹, pelas técnicas e práticas desenvolvidas, além dos materiais utilizados. Na figura 27, apresentam-se exemplares de tal diversidade construtiva, nos quais são utilizados métodos diferentes na elaboração plástica das obras.

Figura 27 – Estilo Contemporâneo



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

Um breve passeio pelas ruas da cidade revela uma miscigenação de estilos na composição da paisagem urbana. As edificações encontram-se lado a lado, cada uma com suas peculiaridades e diferenças, integrando-se umas às outras. Assim, as obras contemporâneas vão preenchendo espaços e vazios da malha urbana, com prédios residenciais, comerciais, muitas

¹¹ Estilo arquitetônico que perdura nos dias atuais, caracterizado pelo hibridismo estilístico.

vezes ao lado das edificações antigas, ou até substituindo-as. Tal cenário permite a comparação, devido ao grande contraste entre as obras.

Figura 28 – Contraste entre estilos arquitetônicos



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

Nessa formação espacial, as edificações apresentam certas peculiaridades, pois são construções de estilos e períodos diferentes. Entretanto, em conjunto e de modo aleatório, vão dando forma e aparência à paisagem urbana local, que está em constante transformação. Lamas (2010) argumenta que a questão estética é grande participante nas formas urbanas. São as pluralidades das construções, as formas importadas ou inventadas, a ligação de elementos construtivos e as técnicas com efeitos estéticos que emitem uma mensagem figurativa arquitetônica. Quando justapostas formam edifícios e, em conjunto, geram a paisagem, que é agente de sentimentos e percepções.

2.2 Uso contemporâneo das edificações, intervenções e mídias externas

No decorrer da história, a presença constante da arquitetura representa um dos testemunhos mais presentes e verdadeiros dos tempos passados. Retrata períodos importantes, estilos de vida e culturas dos povos existentes; através das construções, também são expressas identidades de determinados grupos sociais.

Lyra (2006) alega que a sobrevivência e a longevidade da maioria das edificações históricas deu-se pelo fato de terem sido, ao longo do tempo, reutilizadas para desempenhar novas funções, conforme a necessidade do momento de seus usuários. O que se conhece atualmente é o resultado de sucessivas transformações, que, de certo modo, foram responsáveis pela perda da função original de várias edificações. Isso ocorre devido à falta de relação função-

origem; por outro lado, entretanto, foram a salvação de muitas delas uma vez que evitaram seu desaparecimento, levando-as para a contemporaneidade.

A readaptação, na maioria dos casos, porém, é a condição para sobrevivência do edifício quando sua função original desaparece ou quando as características de sua arquitetura já não mais satisfazem às necessidades e exigências da sociedade. A história da arquitetura é uma história de substituições e a maioria dos edifícios que sobreviveram às mudanças sociais corresponde àqueles que passaram por adaptações (LYRA, 2006, p.56).

Em Cruz Alta, é notável o grande número de edificações antigas que permaneceram preservadas ao longo dos anos, devido às adaptações e aos novos usos, citados anteriormente. Isso mostra que o processo construtivo impõe certas intervenções e atualizações para que as edificações desenvolvam com maior praticidade e conforto as atividades atuais.

Em alguns casos, as edificações foram preservadas por seus proprietários, mantendo-se os aspectos externos principais. Esse é o caso da residência Firmino de Paula Filho, construída em 1928 pelo General Firmino de Paula Filho - localizada em diagonal com a Praça que atualmente leva seu nome -, que apresenta uma arquitetura rebuscada em estilo eclético. Os ferros, as aberturas e os detalhes imponentes em sua fachada se mantêm íntegros, como na época da construção, passando por algumas alterações apenas na platibanda.

Figura 29- Alterações externas na Casa General Firmino de Paula

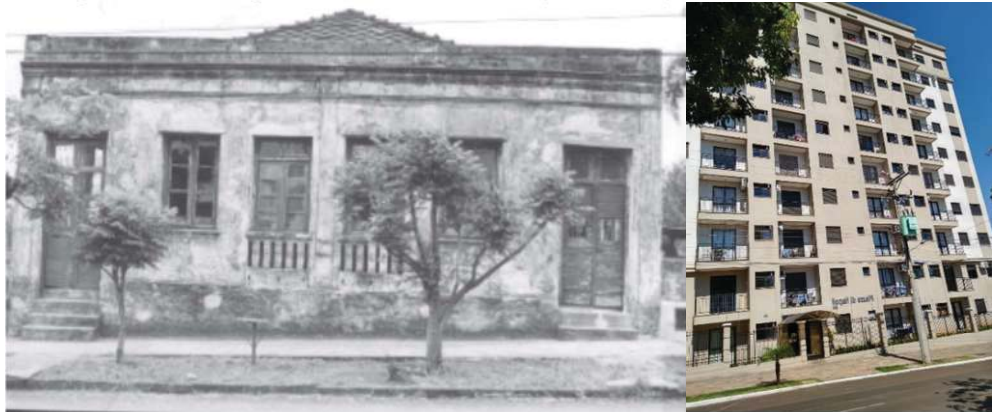


Fonte: Roeber, 2020. Disponível em: <<http://www.unimedplanaltocentralrs.com.br/cruzalta/index.php?nfpag=4>>. Acesso em: 14 jul. 2020 (esquerda). Acervo pessoal, 2020 (direita).

Em meio a alguns prédios antigos preservados, outras edificações se perdem com o passar dos anos devido à falta dessa tutela. São reféns da depreciação e do abandono, que estão relacionados ao crescimento urbano e à demanda por espaços cada vez mais apropriados para atrair investidores. A modernização impõe-se a tais construções, que, algumas vezes, são demolidas para o desenvolvimento de novas atividades.

Atualmente, a compra e venda de imóveis e a valorização do ponto de localização tornaram-se os grandes condicionantes da desvalorização dessas edificações. O mercado imobiliário em crescente desenvolvimento visa à construção de grandes prédios ou obras comerciais. Assim, acabam por tomar posse desses espaços - que, muitas vezes, estão em estado de conservação precário - ao fazer uma oferta irrecusável ao proprietário do imóvel. Essa pode ser uma oportunidade única de receber capital em troca do imóvel, que pode já não ter utilidade para o dono. A Casa das Varandas (figura 30) é um exemplo desse tipo de situação. A edificação já se encontrava em estado de deterioração avançada, foi demolida e deu espaço à construção de um amplo edifício.

Figura 30- Antiga Casa das Varandas (demolida) e atual prédio



Fonte: Silva, 2000 (esquerda). Acervo pessoal, 2020 (direita).

A crescente especulação imobiliária é um grande agente catalisador desse tipo de operação. O alto número de concorrentes e a busca por espaços com boa localização são fatores relevantes na compra e venda desses imóveis, que acabam sendo altamente valorizados.

Atualmente, conforme Carlos (2007), o espaço tem sido visto e produzido como mercadoria. Através de adaptações e mudanças, usos e funções, é criado ou recriado baseado nas necessidades e normas do capitalismo, voltado ao desenvolvimento de atividades produtivas. Assim, o solo urbano passa a valer dinheiro, sua privatização significa parcelamento e divisão de pedaços da cidade para a produção do espaço. A cidade-mercadoria, como define Teobaldo (2010), é requalificada, planejada para o setor financeiro na busca de resultados positivos aos desafios da globalização, tornando-se um produto que possibilita extrair benefícios econômicos.

Outro caso que demonstra o efeito da especulação imobiliária é a Casa Dumoncel, construída pouco antes de 1941, situada na Avenida General Câmara. Apresenta uma arquitetura que remete à algumas construções de Portugal, de acordo com Silva (2000, p. 56),

e atualmente encontra-se à venda. Provavelmente, devido a sua localização privilegiada, será vendida e caberá ao novo proprietário decidir o que fará dela.

Figura 31 - Casa Dumoncel à venda



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

Em muitos casos, as edificações antigas são vistas apenas como um espaço físico útil para o desenvolvimento de atividades comerciais. Para que se tornem espaços físicos viáveis para tais fins, passam por simples alterações - que pouco interferem no imóvel - ou, em alguns casos, por grandes transformações, que ocasionam a perda de alguns dos seus elementos essenciais. Um exemplo disso são as intervenções que alteram partes da estruturação interna do edifício. É o chamado processo de curetagem, através do qual ocorre a remoção de paredes, a troca de piso, o forro é refeito em gesso com iluminação replanejada, além da modificação da parte elétrica. Isso leva a uma grande descaracterização interna, e poucos são os elementos originais que permanecem. As paredes externas do imóvel continuam em pé, entretanto, as transformações também são expressivas: envolvem a remoção de portas e janelas para a colocação de vitrines, placas publicitárias são fixadas escondendo parte da fachada, pinturas estilizadas são aplicadas. Essas ações acontecem de forma diferente em cada edificação, mas, em conjunto, vão remodelando a paisagem urbana em seus aspectos formais e estéticos.

Figura 32 – Fachadas alteradas



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

Amaral (2009, p. 09) aponta que importantes centros, como Nova York e Londres, já contavam com grandes agências de propaganda ainda na virada do século, movimento que, no Brasil, veio a ter relevância somente a partir das décadas de 1920 e 1930. Com o passar dos anos, a publicidade ganhou força, sempre vinculada à estratégia de marketing e venda no espaço urbano. As cidades tornaram-se, assim, palco de campanhas e outdoors.

As ruas são tomadas por uma identidade visual voltada para a venda e o consumo, com uma disputa acirrada pela atenção dos consumidores através da exposição de placas publicitárias lado a lado, enquanto prédios são transformados em coadjuvantes nessa lógica. Um exemplo disso é a edificação da figura 33, que abriga dois espaços comerciais distintos, cada um com suas características identitárias. O primeiro deles destaca o nome comercial repetidas vezes na fachada, além de apresentar uma pintura estilizada. Já o segundo aposta em uma coloração chamativa e uma placa publicitária de grande extensão, intervenções em total desarmonia estética.

Figura 33 – Fachada remodelada



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

Outro exemplo é a edificação da figura 34, que, devido a sua extensão longitudinal, abriga mais de três espaços comerciais. Cada um deles tem sua identidade visual e se diferencia dos demais para atrair seus respectivos clientes. Tal iniciativa, no entanto, deixa o prédio fragmentado, descaracterizado, difícil de ser notado.

Figura 34 – Edificação fragmentada



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

O marketing externo, a publicidade e a propaganda engajam-se com força como parte do conjunto das ações intervencionistas realizadas nas edificações. Seu objetivo é dar identidade ao espaço e atrair clientes pelas placas externas, que informam o nome do espaço em destaque, o telefone, os serviços prestados e o máximo de informações necessárias. Souza (2012) esclarece que o espaço público, desse modo, torna-se cenário da publicidade, com propagandas, comunicação e informação, ligando diretamente a leitura ao leitor.

A expressão visual identitária tornou-se um fator cultural muito importante no mercado comercial. A preocupação com a aparência vem ganhando força por estar atrelada ao sucesso das empresas quando se relaciona aos produtos ou serviços prestados, contando com estratégias de propagandas expostas no espaço urbano. A cidade tornou-se um campo de campanhas publicitárias em que as edificações, além de desempenharem certas atividades, tornam-se também grandes outdoors (AMARAL, 2009).

O que se percebe, na maioria dos casos, é que a busca por atrair clientes e a disputa por propagandas mais atrativas gera o excesso informativo. O resultado se traduz em placas publicitárias em tamanho exagerado, fontes em estilo e dimensões extravagantes, além de símbolos identitários, pinturas e elementos que buscam se destacar dos demais, ainda que para tanto seja necessário utilizar certa vulgaridade. Assim, de edificação em edificação, a paisagem urbana vai se transformando. Não são mais os prédios comerciais que se destacam e são

referência, mas sim suas placas publicitárias, que se tornam os elementos principais das ruas. Essa mistura complexa, o aglomerado de informações - que muitas vezes não combinam entre si -, a desorganização e a desconfiguração dificultam a compreensão do espaço, causando a poluição visual e a impossibilidade de assimilar e organizar o que é visualizado.

A edificação da figura 35 é um exemplar disso. Dividida em dois espaços comerciais, apresenta também uma pintura diferente para cada um deles. Além disso, as placas publicitárias descaracterizam a composição arquitetônica do prédio, deixando-o confuso. Na poluição visual, conforme Amaral (2009), o receptor não consegue mais absorver os elementos causadores e as transformações. As edificações acabam por perder características originais, o que resulta na desconfiguração do espaço urbano e de sua identidade.

Figura 35 – Edificação descaracterizada



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

As construções, as formas, as cores, os usos e as imagens dos outdoors são responsáveis por ocupar o olhar. A rua não se constitui apenas como um local de passagem, ela acolhe os espetáculos urbanos, os trajetos recobertos de significados. A rua é testemunho coletivo das formas de apropriação do espaço, dos fatos que vão formando a vida cotidiana (CARLOS, 2007). Na figura abaixo, mais uma vez, aparece uma edificação que abriga três pontos comerciais, cada um deles com pintura diferente.

Figura 36 – Fachada estilizada



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

Através dos exemplos ressaltados anteriormente, demonstra-se que o excesso de intervenções, a publicidade e a estilização das fachadas é uma característica estética marcante nas edificações antigas da região central de Cruz Alta. Isso ocorre devido à alta utilização comercial dos imóveis, que ocasiona a remodelação desses espaços.

Para Jacobs (2000), o declínio das cidades tradicionais, oriundo da nova urbanização, é inevitável economicamente ou socialmente, pois nada tem sido mais manipulado que a cidade para alcançar os objetivos socioeconômicos. Em consequência, a cidade se torna monótona, estéril e até mesmo vulgar, caso seja preciso. Segundo Froner (2013, p. 247), “Na sociedade capitalista, a destruição da memória é apenas uma consequência [...]”.

Atualmente, a difícil meta de preservação das edificações antigas vem se tornando um desafio, devido à pressão econômica e disputa entre espaços comerciais, ao crescimento industrial e à alta demanda por espaços públicos, privados e moradias (FRONER, 2013). A imprudência com relação aos bens patrimoniais pode acarretar a degradação e o desaparecimento deles, eliminando suas raízes e memórias. Preservar somente aquilo que é importante para alguns é uma maneira de negligenciar o passado, ocasionando a dificuldade em compreender o próprio presente e o futuro, o que pode levar a perturbações identitárias tanto de forma individual quanto coletiva (KÜHL, 2006).

Alguns bairros ou centros das cidades se tornam, com o tempo, patrimônios históricos urbanos, devido à paisagem cultural de sua composição. São sinônimos de memória e história local, com grande importância para a identidade da população que ali habita (CHOAY, 2001). Neles, encontram-se obras antigas e comuns, incluindo-se alguns prédios em estado de deterioração. São essas edificações, no entanto, as responsáveis por dar vida ao lugar, são essenciais para a cidade por possibilitarem a memória local (JACOBS, 2000).

2.3 Memória urbana e contrapontos

O valor histórico da memória coletiva está ligado ao espaço e suas impressões. A importância da estrutura urbana na sua especificidade ocorre através da arquitetura única e original de cada cidade. A união entre o passado e o presente ocorre na própria cidade com a população que vive essa realidade diariamente (ROSSI, 1998).

A problemática da cidade diz respeito não apenas à questão espacial, mas também se refere ao urbano em questões concretas, reais, pelo processo das relações sociais (CARLOS, 2007). É no espaço que se determinam as interações, o modo como os indivíduos se relacionam com suas referências do passado - a memória, os monumentos locais, os lugares históricos - e também as práticas socioculturais da cidade e de seus moradores. Quando tal interação não acontece, o espaço, muitas vezes, torna-se caótico, com fronteiras paradoxais, tornando a identidade vulnerável (SANTOS, 1995).

A apropriação de lugares para a realização de atividades vai dando forma e sentido ao espaço. A cidade pode ser vista como lugar de reprodução, como constituição da identidade ou, ainda, como formação da memória responsável pelo desenvolvimento da história. Na maioria dos casos, entretanto, é vista somente como um quadro físico espacial com uma significação funcional (CARLOS, 2007). De acordo com Carpintéro e Cerasoli (2009), é um cenário associado aos acontecimentos sociais, às transformações políticas e econômicas, relacionado a vários temas da sociedade.

As pessoas não percebem ainda que, ao construir edifícios, colaboram também para a construção da cidade (BARROS; MOREIRA, 2009). Isso é perceptível na composição espacial do centro de Cruz Alta e seus arredores, de acordo com o tratamento dado às edificações antigas, o modo como os moradores se relacionam com esses espaços e as questões identitárias. Como exemplo, apresenta-se a figura 37, que retrata as mesmas edificações em períodos diferentes. Na primeira imagem aparecem o Cinema Ideal e o Clube do Comércio, conforme Roeber (2020), lugares que desenvolviam atividades sociais voltadas ao público em geral ainda na década de 1940, e que, atualmente, são utilizadas para finalidade comercial. Esses espaços foram modificados em sua finalidade e também esteticamente, perdendo, nesse processo, alguns aspectos de originalidade, significado e identidade.

Figura 37 – Construções em períodos diferentes



Fonte: Roeber, 2020. Disponível em: Disponível em: <<http://www.unimedplanaltocentralrs.com.br/cruz-alta/index.php?nfpag=4>>. Acesso em: 14 jul. 2020 (esquerda). Acervo pessoal, 2020 (direita).

Para Teobaldo (2010), qualquer espaço urbano que se encontre degradado ou abandonado apresenta um grande potencial de valorização. Entretanto, muitos deles são normalmente tomados pela falsa “revitalização”, que carrega objetivos econômicos, com o intuito de formar novos campos de consumo para o mercado imobiliário. A gentrificação¹² é um desses processos, que, muitas vezes, elimina os aspectos culturais do local, quebrando as relações sociais existentes, e impondo uma “privatização” desigual do espaço.

A residência da Família Brum, construída pouco antes de 1939, segundo Roeber (2020), é um exemplar desse processo, que foi sendo realizado ao longo dos anos conforme as tendências arquitetônicas de cada momento. Ao analisar as imagens do imóvel, observa-se a alteração de todas as suas esquadrias em arco. Algumas delas foram ocultadas na lateral e as da fachada principal tornaram-se vitrines padronizadas, sem referência às anteriores. O único elemento remanescente do estilo original foi a platibanda com seus balaústres¹³.

Figura 38 – Residência Família Brum modificada



Fonte: Roeber, 2020. Disponível em: <<http://www.unimedplanaltocentralrs.com.br/cruz-alta/index.php?nfpag=4>>. Acesso em: 14 jul. 2020 (esquerda). Acervo pessoal, 2020 (direita).

¹² Revitalização que traz benefícios ao local, mas o maior benefício é mesmo o do mercado imobiliário. Muitas vezes, esse processo valoriza o local, que se torna caro para morar, o que parece injusto com os moradores antigos.

¹³ Pequenas colunas utilizadas na arquitetura como suporte, corrimão, delimitador e acabamento de platibanda.

Com a expansão da comercialização, surge a necessidade da criação de novos espaços para essas funções. Isso ocasiona uma nova centralidade e divisão espacial, que, muitas vezes, gera a destruição de referências identitárias que condicionam a memória coletiva. Quando isso acontece, as relações sociais se dão em lugares vagos, sem referencial algum. Tais espaços são conhecidos como amnésicos, quando, pela homogeneia de tempo e espaço, há uma quebra de reconhecimento e relação do local, é “um espaço sem referências e inóspito à vida [...]” (CARLOS, 2007, p. 58).

A figura abaixo traz a imagem do sobrado do avô de Érico Veríssimo (Roeber, 2020), que também foi a primeira sede da Escola Annes Dias, imóvel demolido após a década de 1940. Em seu local foi construído um prédio de finalidade comercial com estilo modernista, sem referencial algum ao anterior.

Figura 39 – Edificação antiga substituída por nova



Fonte: Roeber, 2020. Disponível em: <<http://www.unimedplanaltocentralrs.com.br/cruz-alta/index.php?nfpag=4>>. Acesso em: 14 jul. 2020 (esquerda). Acervo pessoal, 2020 (direita).

O tratamento dado a essa edificação (figura 39) é um exemplo de fragmentação do espaço, com tendência à homogeneização do urbano como mercadoria, o que ocorre a partir da exploração do espaço. Nesse processo, as morfologias espacial e social coincidem, gerando a segregação, que se forma com a disseminação da propriedade privada. As relações interligadas pela troca de mercadoria tendem a tornar a cidade um lugar de estilo único, reduzido apenas à economia e à lógica do consumo (CARLOS, 2007).

Exemplificando, observa-se na figura 40 o antigo Banco Pelotense, em 1940 (ROEBER, 2020), que era de uso dos agricultores locais. O espaço foi demolido e, atualmente, dá lugar à agência bancária estadual.

Figura 40 – Banco Pelotense substituído por nova edificação



Fonte: Roeber, 2020. Disponível em: <<http://www.unimedplanaltocentralrs.com.br/cruz-alta/index.php?nfpag=4>>. Acesso em: 14 jul. 2020 (esquerda). Acervo pessoal, 2020 (direita).

As transformações são associadas à desvalorização, pois modificam o espaço, separam locais, geram cicatrizes urbanas e causam a ideia de destruição. Estas grandes mudanças ocasionam um empobrecimento significativo, a perda de referenciais, mudando o sentido da existência humana. A cidade abriga ações e sofre pelas mesmas; são construções, adaptações, destruições, que tornam o espaço por vezes homogêneo, por vezes fragmentado e hierarquizado (CARLOS, 2007).

A cidade pode ser vista como um “plano de coengendramento e criação”, no qual identidades múltiplas se fazem, desfazem e refazem a todo instante. Espaços produzidos por relações que não cessam de produzir sentidos, o urbano desnaturaliza identidades, embora seja povoado por elas (BARROS; MOREIRA, 2009, p. 53-54).

A paisagem urbana vai se modificando, algumas referências se criam, outras se transformam ou se perdem. Rossi (1998, p. 57) destaca que “No próprio decorrer da vida de um homem, a cidade muda de fisionomia em volta dele, as referências não são as mesmas”. A figura 41 exemplifica essa ideia ao apresentar a sede do antigo Banco Pelotense na década de 1940, ladeada pelo Hotel Spellet. Ambos deram espaço a duas edificações em estilo totalmente diferente.

Figura 41 – Banco Pelotense e Hotel Spellet substituídos



Fonte: Roeber, 2020. Disponível em: <http://www.unimedplanaltocentralrs.com.br/cruz-alta/index.php?nfpag=4>. Acesso em: 14 jul. 2020 (esquerda). Acervo pessoal, 2020 (direita).

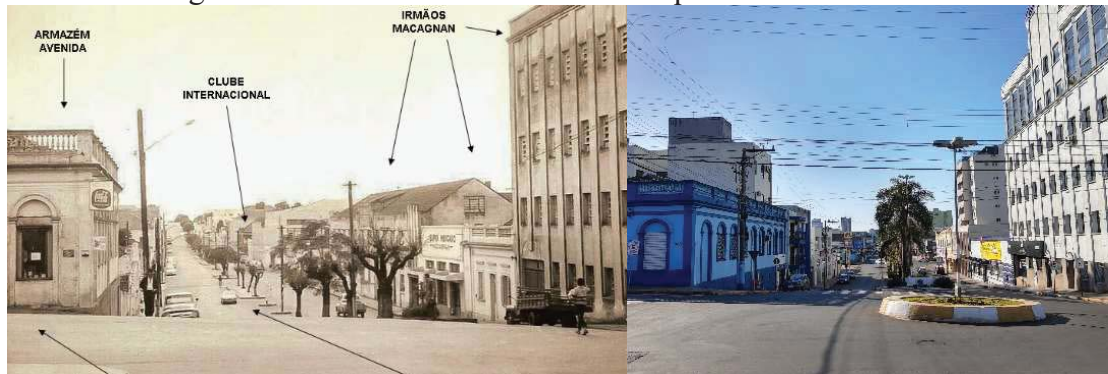
De certo modo, essa perda material torna a cidade vazia, sem identidade, fixada apenas nas ações cotidianas. Froner (2013) refere-se a essa perda da memória como uma perda de referência para a própria contemporaneidade. Para Pesavento (2005), esse aniquilamento torna-se algo, muitas vezes, irrecuperável ou irreconhecível, pois a modificação do espaço acarreta a modificação da vida social, descaracterizando o passado da cidade. Isso é notável nos centros urbanos, em que ocorre não somente a eliminação radical de alguns registros ou marcas do passado, mas também um certo bloqueio da sensibilidade de seus moradores, que não reconhecem as formas urbanas que ali se encontram.

Assim a cidade muda, são inúmeras construções, demolições, adaptações que se tornam parte da paisagem urbana. A relação homem e espaço também muda, as pessoas não mais percebem o lugar em que se encontram. A cidade se transforma apenas no local de morar, trabalhar e sobreviver. Essa é a vida automática, dominada pela hipnose e por um ritmo contínuo (CARLOS, 2007).

A cidade fica entre a linha tênue de ser concretada, edificada e totalmente mutável, quando se percebe que ela se transforma diariamente com suas construções e intervenções. Alteram-se os significados dos patrimônios materiais ou imateriais a sua volta, mudando a dinâmica decorrente de seus grupos sociais e identidades instáveis (BARROS; MOREIRA, 2009). As intervenções urbanas fazem parte da cidade, ocorrem livremente, na maioria das vezes sem planejamento e regras, compondo a malha urbana. Ao longo do tempo, aplicam-se a prédios, ruas, bairros, monumentos e praças, fazendo parte da paisagem local e da vida de seus moradores (SOUZA, 2012). Isso pode ser identificado na figura 42, comparando-se a primeira

imagem da Avenida General Osório esquina com General Câmara, na década de 1960, com a imagem atual.

Figura 42 – Avenida General Osório esquina General Câmara



Fonte: Roeber, 2020. Disponível em: <<http://www.unimedplanaltocentralrs.com.br/cruz-alta/index.php?nfpag=4>>. Acesso em: 14 jul. 2020 (esquerda). Acervo pessoal, 2020 (direita).

A ligação que ocorre entre o homem e a cidade diz respeito às funções nela realizadas e à morfologia, que se adapta conforme o tempo e o desempenho das práticas cotidianas, produzindo uma identidade e, assim, materializando a memória (CARLOS, 2007). O espaço físico da cidade também é resultado de inúmeras ações: inovação, permanência, mudança, fixação e fluxos. É, assim, fragmentado pelo que é realizado, as culturas se fundem em uma colagem de símbolos no espaço (BARROS; MOREIRA, 2009). Jacobs (2000) salienta que, com o passar dos anos, os prédios antigos são substituídos por novos, ou reformados para equivaler a um, o que gera uma mistura de edifícios de várias idades e tipos, uma diversidade constante.

Figura 43 – Miscigenação entre diferentes estilos arquitetônicos



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

A preservação arquitetônica busca manter a história no presente, mas com consciência de que nada é perpétuo e imutável; pelo contrário, é passível de mudanças e transformações para que a presença dos bens arquitetônicos seja mantida e valorizada (CASTELNOU NETO, 1992). Choay (2001) destaca que a valorização dos monumentos ao longo dos séculos só foi possível devido à reutilização ou restauração das edificações, para que assim sobrevivessem às intempéries do tempo. Um exemplo é a edificação da Família Gay (figura 44), construída em 1914 (ROEBER, 2020). Permaneceu abandonada por certo período, no entanto, após revitalização, encontra-se atualmente conservada e com funcionalidade comercial.

Figura 44 – Residência Família Gay abandonada e atualmente



Fonte: Roeber, 2020. Disponível em: <<http://www.unimedplanaltocentralrs.com.br/cruz-alta/index.php?nfpag=4>>. Acesso em: 14 jul. 2020 (esquerda). Acervo pessoal 2020 (direita).

As intervenções podem beneficiar as edificações, que, desse modo, se mantêm conservadas e úteis para desempenhar suas atividades, permanecendo com suas principais características estéticas. Isso é possível através da frequente manutenção, com pintura e reparos. Como exemplo, observam-se os imóveis da figura 45, que apresentam forma física externa conservada.

Figura 45 – Edificações mantidas



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

Felizmente, muitas das edificações que perderam sua função original não foram destruídas, pois foram reutilizadas para uma nova função. Rossi (1998) aponta que algumas edificações têm suas funções originais mantidas, já outras são modificadas por completo. A certeza estilística está relacionada ao espírito da edificação e o que ela representa, pois tem ali a memória da coletividade, retratando determinados locais ou população. São esses elementos que constantemente compõem a cidade.

Para Lyra (2006), a maioria das edificações não é, de fato, uma expressão artística no espaço, ou realizada para tal finalidade. São as simples edificações que compõem a cidade. Os sítios históricos, casas comuns de moradias, comércios são os verdadeiros exemplos da arquitetura urbana vernacular¹⁴, com diversos métodos construtivos e estilos. Tal arquitetura, na perspectiva de seu morador e do cotidiano ali vivido, torna-se um documento e um material histórico vivo. Por conta disso, deve ser protegido e resgatado.

¹⁴ Arquitetura característica do local ou região.

III. RUA PINHEIRO MACHADO: INTENSIFICAÇÃO COMERCIAL E OS IMPACTOS SOBRE A MEMÓRIA URBANA

Este capítulo se refere ao objeto de estudo deste trabalho, o conjunto de quatro vias da Rua Pinheiro Machado, situado no centro da Cidade de Cruz Alta. Aborda o histórico do mesmo, sua delimitação perante a cidade, retratando seu desenvolvimento ao longo dos anos no aspecto urbanístico. Apresenta o Calçadão existente no local, como acontecimento que modifica este conjunto e intensifica ainda mais o uso deste espaço no âmbito comercial. O capítulo também apresenta elementos sobre o desenvolvimento do espaço em estudo, como cenário de acontecimentos sociais e históricos. Descreve-se o mesmo, com seu entorno, seus principais usos e estabelecimentos. Por fim, aborda-se como esta carga social e histórica se apresenta neste espaço que fora tomado pela intensa comercialização com o passar do tempo, destacando como esta ação se apresenta sobre as fachadas das edificações através de intervenções, placas publicitárias, visando o fim econômico, vindo tornar o local com uma identidade visual vulnerável.

3.1 Histórico da Rua Pinheiro Machado

A Pinheiro Machado é uma das principais ruas da cidade de Cruz Alta, o que se deve ao fato de estar localizada em sua área central, além de ser uma das primeiras ruas a surgir ainda durante a formação territorial do município, estendendo-se atualmente por, aproximadamente, dois quilômetros. No presente estudo, será avaliada a parte mais significativa dela: o trecho que conecta as principais praças da cidade - General Firmino de Paula e Érico Veríssimo -, e que apresenta um alto número de edificações com diversos estilos arquitetônicos, que acolhem variadas atividades comerciais, além de dispor do Calçadão. Trata-se de um conjunto urbano que envolve quatro sequências de ruas - entre a General Osório e a Coronel Pilar (figura 46) -, podendo-se observar nesse trecho características específicas e marcantes de sua composição espacial, através de aspectos arquitetônicos, históricos, sociais e econômicos.

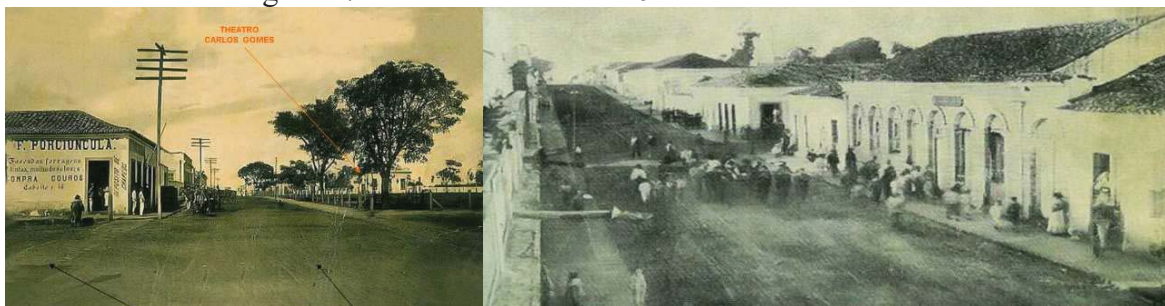
Figura 46- Localização do trecho em estudo



Fonte: Prefeitura Municipal, 2007, editado pela autora, 2020 (esquerda).
Google Earth, 2019, editado pela autora, 2020 (direita).

Quando construída inicialmente, a Rua Pinheiro Machado recebeu o nome de Rua da Olaria, por abrigar um estabelecimento do gênero (CAVALARI, 2011). Era a principal e mais povoada rua no ano de 1840, posteriormente foi renomeada para Rua das Carretas, devido ao grande fluxo de veículos. Mais tarde, tornou-se a Rua do Comércio, quando a cidade ainda se desenvolvia, devido à chegada do correio, do telégrafo, do caminho férreo, do telefone e pelo surgimento de novas indústrias. Isso foi, aos poucos, impulsionando o crescimento econômico local (HOCHMULLER, 2002). Em 1940 (ROEBER, 2020), passou a se chamar Rua Pinheiro Machado, nome que se mantém até hoje, em homenagem ao político e representante cruzaltense, que, inclusive, morava no local.

Figura 47 – Rua da Olaria em 1922 e Rua das Carretas



Fonte: Roeber, 2020. Disponível em: <<http://www.unimedplanaltocentralrs.com.br/cruzalta/index.php?nfpag=4>>. Acesso em: 04 jul. 2020.

A Praça da Matriz, ao norte, foi a primeira a ser construída durante a formação de Cruz Alta. Em frente à praça, iniciou-se a estruturação da Rua Pinheiro Machado, local delimitado para o presente estudo. Por dar início à morfologia urbana da cidade e estar localizada em seu centro, essa rua teve grande crescimento urbano, carregando significados históricos, sociais e

espaciais. As edificações eram qualificadas e a morfologia era tradicional do período, tendo se desenvolvido e transformado paralelamente ao longo dos anos, devido aos avanços dos processos construtivos. Tais processos são, em parte, perceptíveis atualmente, pelo fato de que o local apresenta algumas edificações construídas em épocas em que esse espaço ainda estava em composição. Na figura 48, é possível observar uma primeira morfologia organizada do local, com edificações padronizadas a partir de estilos, formas e composições que se integravam na paisagem.

Figura 48- Rua Pinheiro Machado ano de 1913



Fonte: Roeber, 2020. Disponível em:
<<http://www.unimedplanaltocentralrs.com.br/cruzalta/index.php?nfpag=4>>.
Acesso em: 04 jul. 2020.

A figura 49 (Roeber, 2020) mostra a evolução da infraestrutura urbana na década de 1930, em que as obras de saneamento estavam sendo realizadas num trecho da Pinheiro Machado. Execução que ocorreu já em meio às edificações existentes, na imagem é possível observar a tubulação sendo instalada e o grande número de trabalhadores necessários para a realização da obra.

Figura 49- Saneamento básico na década de 1930



Fonte: Roeber, 2020. Disponível em: <<http://www.unimedplanaltocentralrs.com.br/cruzalta/index.php?nfpag=4>>. Acesso em: 04 jul. 2020.

Na figura abaixo (figura 50), observa-se uma das extremidades do local, no sentido Praça General Firmino de Paula em direção à Praça Érico Veríssimo. Na década de 1960, o espaço já contava com uma urbanização mais organizada, edificações maiores e rebuscadas, ruas pavimentadas e passeios para pedestres.

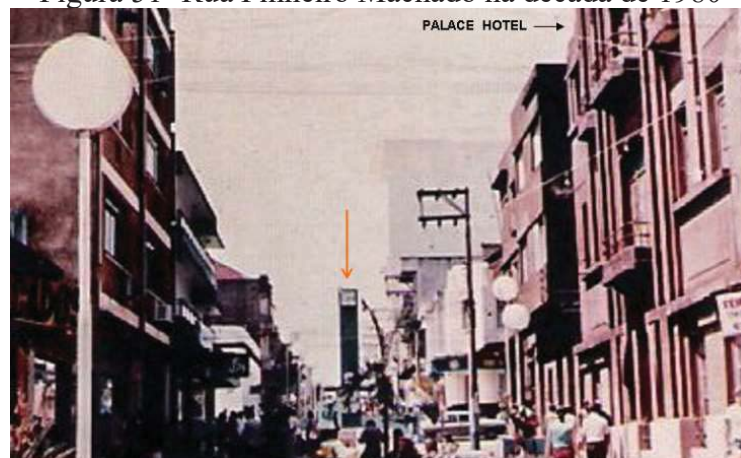
Figura 50- Rua Pinheiro Machado na década de 1960



Fonte: Roeber, 2020. Disponível em:
<<http://www.unimedplanaltocentralrs.com.br/cruz-alta/index.php?nfpag=4>>. Acesso em: 04 jul. 2020.

Já no ano de 1984, como é possível verificar na figura 51, nota-se um maior preenchimento urbano quando comparado às imagens anteriores. O local continha edificações mais elaboradas, com maiores quantidades de pavimentos, que praticamente se interligavam sem delimitações.

Figura 51- Rua Pinheiro Machado na década de 1980



Fonte: Roeber, 2020. Disponível em:
<<http://www.unimedplanaltocentralrs.com.br/cruz-alta/index.php?nfpag=4>>. Acesso em: 04 jul. 2020.

Atualmente, o local continua sendo um espaço muito movimentado na cidade. Passou por algumas inevitáveis modificações e atualizações ao longo dos anos a fim de se adequar para o desempenho de suas funções. Essas ações alteraram alguns de seus aspectos visuais e sociais; no entanto, não tornaram o local menos importante, apenas diferente do que costumava ser e em constante transformação.

Figura 52- Parte da Rua Pinheiro Machado atualmente (2020)



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

Por ser uma das primeiras ruas de Cruz Alta, e ter apresentado uma morfologia urbana desde sua formação, é possível realizar essa análise comparativa da Pinheiro Machado através das imagens ao longo dos anos. O espaço foi sendo modificado através de suas edificações, da instalação de equipamentos urbanos e da modernização do espaço, processo natural no desenvolvimento das cidades. A modificação foi além de seus aspectos físicos, alcançando também seus caracteres sociais, culturais e históricos.

Carlos (2007) busca entender o espaço como campo geográfico voltado para a produção histórica e social. É possível conceber esse espaço como o meio pelo qual o homem realiza e materializa as ações no tempo. Assim, as práticas cotidianas vão dando essa identidade habitar-lugar, em que as tramas socioespaciais são praticadas. Desse modo, a cidade - identificada como um espaço concreto da vida urbana, espaço de relações e subjetividades e de aglomeração de edificações - pode ser compreendida pela arquitetura e pelo reconhecimento de seus sentidos, fluxos interativos, fenômenos sociais, usos e apropriações (BARROS; MOREIRA, 2009).

3.2 Rua de pedestres: o Calçadão de Cruz Alta

No final da década de 1970, a Rua Pinheiro Machado passou por grande processo de transformação em parte de seu trecho, o que, de certo modo, modificou, além de sua morfologia,

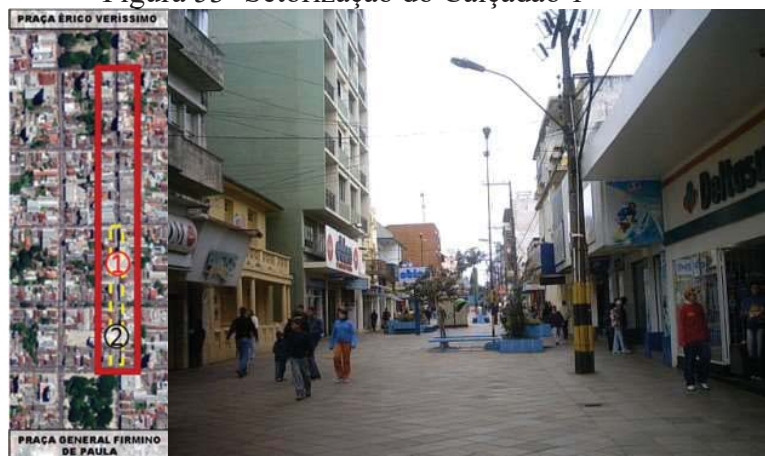
sua relação socioespacial. O prefeito em atividade na época, Dr. Carlos Pompílio Schimdt, idealizou o projeto de um calçadão para a cidade, com o intuito de proporcionar à população um espaço amplo de lazer, longe de veículos, para que os pedestres pudessem passear e circular livremente.

Robba e Macedo (2003 p. 136) apontam a instalação dos calçadões na década de 1970 como uma tendência do momento, algo que acontecia na busca de favorecer os pedestres e o fluxo das cidades.

A proposta de pedestrianização de ruas buscava resolver o conflito entre pedestres e veículos – já que se tornara o principal problema das áreas centrais devido à falta de espaço –, além de tentar revitalizar o comércio local que começava a sofrer o impacto da concorrência com o comércio dos bairros e dos recém-implantados shopping centers.

Fonseca (2012) pondera que a escolha do local para a instalação desse espaço deve se dar por quesitos classificatórios, que considerem a localização no centro da cidade, a concentração e intensidade de atividades, a maior oportunidade de empregos e a facilidade de acesso por meio de transportes. Desse modo, o espaço irá atrair os moradores, tornando-se disputado e dinâmico. O local escolhido para a obra em Cruz Alta foi uma parte da Rua Pinheiro Machado ao longo de um quarteirão, o que ocorreu devido a sua localização central privilegiada entre as ruas General João Manoel e Avenida Presidente Vargas, segunda rua após a Praça General Firmino de Paula em sentido à Érico Veríssimo. A figura 53 localiza a parte da rua em estudo, em amarelo há a demarcação sobre a área do Calçadão e em vermelho numerado (1) sua primeira parte de construção.

Figura 53- Setorização do Calçadão 1



Fonte: Google Earth, 2020, editado pela autora (esquerda). Darcisio perondi, 2013 (direita). Disponível em: <<https://darcisioperondi.com.br/empenhados-r-500-mil-revitalizacao-centro-cruz-alta/>>. Acesso em: 30 jul. 2020.

De acordo com o jornal Cruz Alta Urgente (24 de abril de 1979, p. 03), o Calçadão foi um dos principais feitos da administração municipal da época, tendo como responsáveis pela obra o engenheiro civil e Secretário de Obras Ivan Panigas e o arquiteto Mário Cláudio Oreto. Sua grandiosidade gerou muitas expectativas e comentários na fase projetual, ao longo da execução e após a conclusão, pois a obra modificava completamente a morfologia e os aspectos visuais do local, além de interferir nas práticas diárias dos moradores que usufruíam do espaço.

As obras iniciaram em fevereiro de 1979. Em reportagem (figura 54) do jornal Cruz Alta Urgente (07 de março de 1979, p. 07), de Marcos Vargas, e texto de Silvio Luzardo, o local era retratado com aparência muito diferente, o que ocasionou uma mudança drástica na vida cotidiana da população. Segundo a reportagem, “A Rua Pinheiro Machado fugiu do seu convencional nesta foto. [...] Ela propõe mesmo estando em obras, no meio da água que a chuva trouxe, com material de construção por todos os lados, uma lógica racional do fato, dando ao discutido Calçadão um ângulo inteiramente novo e eclético [...]”. Durante a obra, tanto a rua, que era a principal da cidade, quanto os próprios prédios perderam a importância, ficando em segundo plano.

Inicialmente, algumas pessoas foram contrárias à realização da obra, enquanto outras se mostraram favoráveis, afirmando que o local seria um grande marco para a cidade. Independente dos diferentes posicionamentos, o prefeito já anunciava a continuação da obra no ano seguinte (1980), afirmação que consta em matéria do Jornal Cruz Alta Urgente (10 de abril de 1979, p. 12): “É uma implantação definitiva e no ano que vem irá para mais uma quadra, sendo que a localização ainda não está definida pois vai depender do Plano Diretor da Cidade [...]”. O ponto que precisava ser avaliado antes da segunda parte da obra era a questão da perda de trânsito nessa rua, situação que poderia prejudicar até mesmo os pontos comerciais. Essa decisão deveria ser tomada pelos técnicos responsáveis.

Figura 54- Obras na Rua Pinheiro Machado



Fonte: Cruz Alta Urgente, 07 mar. 1979, p. 07 (esquerda). Cruz Alta Urgente, 10 abr. 1979, p. 12 (direita).

Quando em fase de acabamento, já havia uma expectativa muito grande para a inauguração do Calçadão. A população e os comerciantes locais aguardavam ansiosamente o momento, que deveria ocorrer no dia 15 de abril, mas precisou ser adiado para a semana seguinte devido às chuvas, embora o local já estivesse sendo utilizado. Conforme a matéria do jornal Cruz Alta Urgente (21 de abril de 1979, p. 03), a obra, que foi realizada em tempo recorde, e oferecia toda a estrutura para o pedestre desfrutar do espaço em momentos de lazer, iria finalmente ser entregue à população. O texto destacava que, embora tendo provocado opinião popular controversa no início, a construção levou vida à cidade de Cruz Alta e encantou os moradores.

Figura 55- Inauguração adiada



Fonte: Cruz Alta Urgente, 17 abr. 1979, p. 03 (esquerda). Cruz Alta Urgente, 21 abr. 1979, p. 03 (direita).

No dia 21 de abril de 1979, às 11 horas, ocorreu a inauguração do primeiro Calçadão de Cruz Alta (figura 56). Contou com a presença de um grande número de pessoas, ato solene em que o próprio prefeito e vice realizaram o corte da fita inaugural, entregando simbolicamente a

obra para a população (Cruz Alta Urgente, 24 de abril de 1979, p. 03). A reportagem salientou as intenções do prefeito, que desejava proporcionar à população uma área ampla de lazer, longe do trânsito e de veículos, retratando a obra como “um recanto próprio para os pedestres”.

Figura 56- Inauguração do Calçadão



Fonte: Cruz Alta Urgente, 24 abr. 1979, p. 01(esquerda). Jornal Cruz Alta Urgente, 24 abr. 1979, p. 03 (direita).

De forma positiva, a reportagem do jornal Cruz Alta Urgente (17 de abril de 1979, p. 12), realizada antes da inauguração, já mostrava a opinião dos comerciantes do local. Primeiramente, alguns se mostraram insatisfeitos pelo fato de limitar a circulação de veículos, mas, após acompanhar a finalização da obra, mudaram de ideia. Perceberam que o local se tornaria um espaço onde os pedestres poderiam circular livremente com seus filhos, as crianças poderiam brincar despreocupadamente, avaliando que a calçada iria até impulsionar as vendas pela maior movimentação de pessoas atraídas pelo lugar (figura 57).

Figura 57 - População passeia no novo Calçadão



População já pode passear à vontade no Calçadão.

Fonte: Diário Serrano, 24 abr. 1979, p. 06.

Após a entrega do primeiro Calçadão, no ano de 1980 o prefeito noticiou a construção da segunda etapa, como havia anunciado anteriormente durante a primeira obra. O local e o lado escolhidos para continuar o Calçadão já existente foi o espaço entre a rua General Osório e a Avenida Presidente Vargas, em frente à Praça General Firmino de Paula, no mesmo quarteirão da Prefeitura Municipal. A declaração, no entanto, desencadeou críticas por parte da população que julgava a obra inconveniente. Um grupo de comerciantes locais se uniu para protestar contra a obra, justificando que Cruz Alta não estava preparada para tamanha construção, que poderia arruinar o comércio local. Já descontentes com o Calçadão existente, argumentavam que a larga calçada atrapalhava o fluxo de veículos, principalmente o descarregamento de caminhões com mercadorias. Esse era o principal motivo da campanha contra o chamado Calçadão 2.

Além dos comerciantes locais, os estudantes também afirmavam que a obra era desnecessária, exigindo, por outro lado, melhorias na estrada que ligava o campus universitário à cidade (Cruz Alta Urgente, 14 de março de 1980, p. 06,07). Os vereadores da época também se posicionaram contra a obra, pois afirmavam que teria um alto custo e que esse valor deveria ser investido em bairros da cidade, melhorando a infraestrutura para a população (Cruz Alta Urgente, 14 de março de 1980, p. 03). Assim, uniram-se vereadores e comerciantes realizando ações para que a obra fosse cancelada. A reportagem do jornal Diário Serrano (08 de fevereiro de 1980) afirma que alguns vereadores, em reunião com o prefeito, alegaram que a cidade não estava preparada para a obra. Eles desprezaram a autoridade municipal como insensível, prepotente e irresponsável, pelo fato de não pensar no bem-estar coletivo, mas em suas vontades e vaidades pessoais (figura 58).

Figura 58- Comerciantes contra Calçadão 2



Fonte: Diário Serrano, 08 fev. 1980, p. 01 (esquerda). Diário Serrano, 08 fev. 1980, p. 08 (direita).

As tentativas de anular a construção foram em vão. O prefeito se manteve firme em sua posição, afirmando que a decisão estava tomada, o material havia sido comprado, e a obra iniciaria no dia 20 de março de 1980. Em declaração ao Jornal Diário Serrano (14 de março de 1980, p. 01), o prefeito ressaltou que o dinheiro da obra estava previsto no Plano Diretor Viário. Lembrou também das ações que estavam em desenvolvimento na cidade, como a construção de uma área industrial, o aumento anual de 40% no salário dos funcionários públicos, a criação de quatro creches, entre outras iniciativas. Mostrou, assim, que o segundo Calçadão não prejudicaria o desenvolvimento econômico e social do município. A matéria salienta que o prefeito, por ter atribuição do cargo, poderia realizar a obra do Calçadão, mesmo com o veto da Câmara de Vereadores (Cruz Alta Urgente, 16 de março de 1980, p. 20).

Figura 59- Prefeito declara construção do Calçadão 2



Fonte: Cruz Alta Urgente, 14 mar 1980, p. 06.

De forma inesperada, devido ao crescimento das polêmicas e manifestações contra a construção, no dia 15 de março, cinco dias antes da data programada e anunciada pelo setor público, a obra foi iniciada ainda de madrugada (figura 60). Por volta das 4 horas da manhã, os moradores locais acordaram com o barulho de maquinários. Ao amanhecer, o asfalto já se encontrava praticamente destruído, sem aviso prévio, o que gerou indignação ainda maior sobre o caso. O cenário exposto fez dessa obra pública uma das mais criticadas da cidade (Cruz Alta Urgente, 16 de março de 1980, p. 01).

Figura 60- Obra antecipada do Calçadão 2



Fonte: Cruz Alta Urgente, 16 mar 1980, p. 20 (esquerda). Cruz Alta Urgente, 16 mar 1980, p. 01 (direita).

Devido à repercussão e às opiniões contrárias, protestos foram organizados pelos grupos opositores, que não se intimidaram apesar do início da obra. No dia 17 de março, às 11 horas, foi marcada uma passeata, que saiu da Praça da Matriz em direção ao local da nova construção (figura 61). Em entrevista ao jornal Cruz Alta Urgente (15 de março de 1980, p.12), o vereador e organizador do movimento contra o Calçadão pediu a presença da população no ato, estimulando a manifestação contra a obra e pela reivindicação de atendimento aos problemas públicos da cidade, como falta de luz, água e calçamento. Os manifestantes se deslocaram até o Calçadão e lá protestaram com palavras de ordem e cartazes criticando a obra e o prefeito. A ação contou com a presença da Polícia Civil, que fez barreira para bloquear o acesso à obra nova, que se encontrava em execução no momento do ato (Cruz Alta Urgente, 18 de março de 1980, p. 12).

Figura 61- Posição contra o Calçadão



Fonte: Cruz Alta Urgente, 16 mar. 1980, p. 01 (esquerda superior). Cruz Alta Urgente, 16 mar. 1980, p. 20 (direita superior). Cruz Alta Urgente, 18 mar. 1980, p. 01 (esquerda inferior). Cruz Alta Urgente, 18 mar. 1980, p. 12 (direita inferior).

Após finalizado, mesmo em meio a debates e polêmicas, o Calçadão 2 logo se integrou ao primeiro. Passou a ser utilizado pela população, que tinha mais uma opção de espaço de lazer na cidade longe dos veículos, como alegava o prefeito (figura 62). Por fim, Cruz Alta contava com duas sequências de ruas que eram, na verdade, somente calçada. Mesmo de forma contraditória a princípio, a população se adaptou ao local, utilizando-o conforme sua morfologia e possibilidades. O conjunto se tornou um lugar popular na cidade, o que, de certa forma, modificou também seu modo de uso. Acabou influenciando o trecho que se liga a esse espaço até a Praça Érico Veríssimo, que também teve o comércio intensificado pela proximidade, formando-se um corredor urbano comercial.

Figura 62- Setorização Calçadão 2



Fonte: Google Earth, 2019, editado pela autora, 2020 (esquerda). Clicrbs, 2010 (direita). Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/rumosdonoroeste/2010/04/20/polemico-calcadao-de-cruz-alta-passara-por-reformas/?topo=13&status=encerrado>>. Acesso em: 30 ago. 2020.

Segundo Januzzi (2006), a criação dessas ruas de pedestres incentiva e favorece a compra, proporcionando ao cliente ótimas condições de consumo. Já Hochmuller (2002) destaca que, por volta de 1982, a população do conjunto do Calçadão se mostrava insatisfeita com o local. A reclamação era do problema de esgoto e mau cheiro, além do recolhimento irregular do lixo.

Para Fonseca (2012), a criação dos calçadões é uma forma de incentivar o comércio, influenciando a criação de novas centralidades na cidade. Isso acaba por deixar os antigos espaços comerciais em segundo plano. A relação dessas novas centralidades está vinculada à alteração da morfologia urbana e de sua reestruturação (JUNIOR LOPES; SANTOS, 2009). A cidade se expande, surgem novas e grandes potências comerciais quando as áreas antigas que desenvolviam essa função, já saturadas, não atendem mais as necessidades da

contemporaneidade. Deixadas para trás, no que diz respeito aos investimentos econômicos e às melhorias públicas, tornam-se um simples espaço econômico voltado ao mercado popular.

Há alguns anos, o Calçadão passou a fazer parte de polêmicas novamente. Em 2015, o Calçadão 2 passou por uma revitalização, o que aconteceu com o Calçadão 1 em 2017. As duas obras levantaram debates contra e a favor, pois no projeto houve a troca da calçada, uma nova iluminação foi implantada, os canteiros e árvores foram removidos e os balizadores foram colocados no centro, para que se voltasse a ter acesso de veículos em situações específicas. Além disso, alguns transtornos e atrasos com a entrega final desagradaram os comerciantes, que se sentiram prejudicados. Após ser finalizado, o espaço acabou sendo modificado mais uma vez, mostrando-se resiliente às transformações impostas, como mostra a figura 63.

Figura 63 – Calçadão atualmente, após revitalização



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

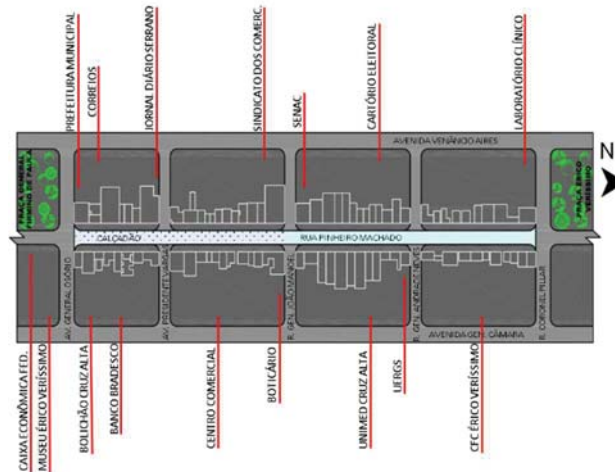
Atualmente, observa-se a reurbanização das ruas e avenidas visando à acessibilidade, ao embelezamento espacial e ao bem-estar dos usuários. O espaço público é uma construção físico-cultural que passa por várias modificações, resultando na evolução das sociedades e das cidades. Os calçadões assumem, desse modo, um papel importante por estarem inseridos no cotidiano social como espaços de passagem, cruzamentos, encontros, trabalho, o que acontece nas esferas social, política, econômica, cultural, dentre outras (FONSECA, 2012).

3.3 Pinheiro Machado: Cenário urbano e social

O trecho da Rua Pinheiro Machado, objeto de estudo deste trabalho, situa-se no centro da cidade de Cruz Alta, corredor que interliga as praças General Firmino de Paula e Érico Veríssimo. Devido à localização, seu entorno apresenta importantes espaços de uso comercial e social na cidade. Na figura 64 abaixo, encontra-se um mapa representativo feito pela autora,

no qual aparece a localização das praças nas extremidades e a demarcação dos principais estabelecimentos comerciais situados no entorno. Também foi demarcada uma projeção estimada das edificações que fazem frente com a Rua Pinheiro Machado, desconsiderando-se as limitações de lotes e anexos construtivos.

Figura 64 – Estabelecimentos do entorno



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

O espaço em estudo era um dos principais da Rua Pinheiro Machado, assim como da cidade de Cruz Alta, constituindo-se um importante cenário para a cidade. Durante um longo período, ali ocorreram grandes acontecimentos e fatos, também apresentando relevância social pela instalação dos principais estabelecimentos que surgiam. Abaixo encontram-se imagens de alguns dos eventos que ocorreram no local, como o desfile do corpo de bombeiros, em 1950 (figura 65), que contou com grande número de espectadores. Hoje, nesse lugar, está localizado o Calçadão 2.

Figura 65- Desfile do Corpo de Bombeiros década de 1950



Fonte: Roeber, 2020. Disponível em: <<http://www.unimedplanaltocentralrs.com.br/cruz-alta/index.php?nfpag=4>>. Acesso em: 10 jul. 2020.

O local também foi cenário de importantes desfiles cívicos e militares, que aconteceram durante um longo período, ainda quando o Calçadão não havia sido construído (figura 66).

Figura 66- Desfile militar 1940 e cívico 1959



Fonte: Roeber, 2020. Disponível em: <<http://www.unimedplanaltocentralrs.com.br/cruz-alta/index.php?nfpag=4>>. Acesso em: 10 jul. 2020.

Além disso, foi cenário de vários outros acontecimentos que contavam com grande número de pessoas, que se dirigiam ao local para prestigiar e participar das atividades ali realizadas. Com o tempo, tornou-se um espaço de uso social significativo. Lugar de atuações, fazia parte da vida cotidiana e era palco da interação entre a população (figura 67).

Figura 67- Eventos não especificados (1951 e 1952)



Fonte: Roeber, 2020. Disponível em: <<http://www.unimedplanaltocentralrs.com.br/cruz-alta/index.php?nfpag=4>>. Acesso em: 10 jul. 2020.

No final da década de 1940, contava também com grande movimentação de veículos, desde carros até tratores, pequenos ônibus e caminhões. Muitos pedestres circulavam por ali diariamente já que esse era o lugar onde se concentrava praticamente toda a parte comercial.

Figura 68 – Rua com alto fluxo de movimentação 1949



Fonte: Roeber, 2020. Disponível em: <<http://www.unimedplanaltocentralrs.com.br/cruz-alta/index.php?nfpag=4>>. Acesso em: 10 jul. 2020.

Com a instalação do Calçadão, algumas atividades foram interrompidas. Outras, no entanto, surgiram com o intuito de transformar o local em um espaço de lazer e descontração para a população. Ali, chegou a acontecer o carnaval d'água de Cruz Alta e desfiles de moda.

Figura 69 – Carnaval Calçadão e desfile de moda em 1980



Fonte: Roeber, 2020. Disponível em: <<http://www.unimedplanaltocentralrs.com.br/cruz-alta/index.php?nfpag=4>>. Acesso em: 10 jul. 2020.

Ainda, o espaço foi cenário de atividades culturais e educacionais, local onde ocorreram várias feiras de artesanato e exposição de trabalhos das escolas do município, em 1980, após a conclusão do Calçadão 2.

Figura 70 – Eventos culturais no Calçadão



Fonte: Cruz Alta Urgente, 19 abr. 1980, p. 01 (esquerda). Cruz Alta Urgente, 08 ago. 1980, p. 03 (direita).

Ao longo dos anos, a expansão territorial da cidade e a instalação de novos espaços econômicos gerou o surgimento de outros estabelecimentos e áreas para o desenvolvimento comercial. O Calçadão passou a não ser o único com tal função e, já saturado, acabou perdendo um pouco sua relevância social e econômica para as novas centralidades. Hoje, desempenha sua função atendendo um mercado mais comum, com simples e pequenas lojas, boutiques e farmácias.

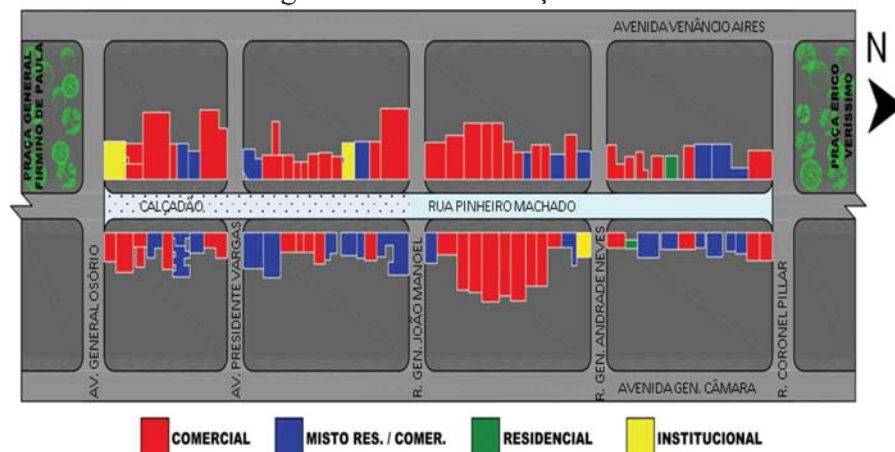
Figura 71 – Comércio instalado no local



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

A figura 72 traz um mapa representativo idealizado pela autora, no qual as edificações do local foram classificadas conforme seu uso: comercial, misto (residencial e comercial), residencial e institucional. É possível visualizar o grande domínio da comercialização nessas edificações, pois apenas algumas delas têm função mista e uma minoria, uso residencial e institucional.

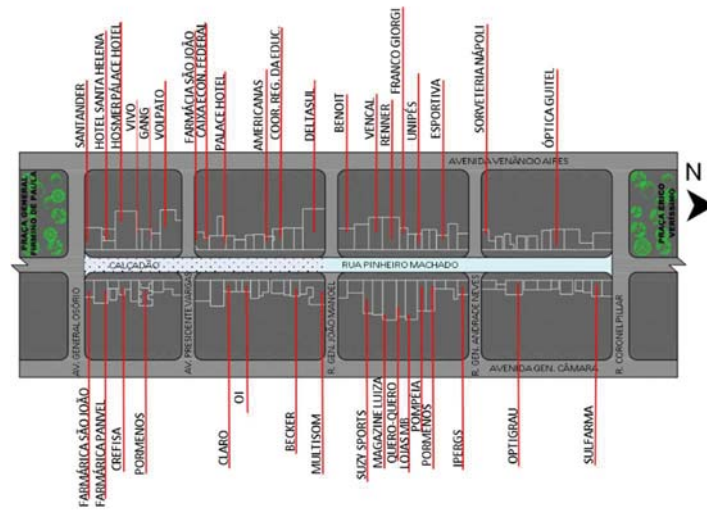
Figura 72 – Classificação de usos



Acervo pessoal, 2020.

A Figura 73 expõe a demarcação dos principais estabelecimentos comerciais do local, que apresentam as mais diversas funções de práticas comuns para a população. Abrigam lojas de roupas, sapatos, móveis, eletrodomésticos e eletrônicos, óticas, bancos, hotéis, farmácias, sorveterias, entre outras atividades.

Figura 73- Principais estabelecimentos do local



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

A figura 74 apresenta fotografias das extremidades do Calçadão 2 e 1, no sentido da Praça General Firmino de Paula em direção à Érico Veríssimo. Nelas, é possível perceber a longa extensão desses espaços.

Figura 74- Vista Calçadão 1 e 2



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

Na figura 75, observa-se as extremidades das ruas que sucedem o Calçadão, em sentido à Praça Érico Veríssimo, que mesmo sem calçamento, apresentam morfologia e composição similar ao espaço.

Figura 75- Vista ruas



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

Através das imagens apresentadas, é notável a modificação de uso do espaço ao longo dos anos. Embora voltado às práticas comerciais desde sua formação, também foi usado para as atividades sociais da população. Hoje, o espaço é dedicado basicamente ao comércio. As centralidades sociais também foram modificadas ao longo do tempo, decorrente das transformações nos espaços e na sociedade. Conforme Souza (2012), o grande estímulo à produção, à industrialização e ao consumo também leva à desigualdade social e à formação de padrões estabelecidos no espaço e na sociedade.

Para Carlos (2010), a ação cotidiana padroniza as cidades, levando à perda de seu lado criativo e inovador. Uniformizam-se as pessoas e suas rotinas num universo mecânico de repetição. Possuem um emprego e um espaço e somente esses elementos comandam a vida social, transformada pelas novas relações e estilos.

3.4 Centro comercial da Rua Pinheiro Machado: rupturas, permanências e memórias urbanas

A arquitetura pós-moderna uniformiza a cidade. Com suas torres e vidros, busca criar o aspecto de monumentalidade nos edifícios, através do poder de grandes empresas que estão no controle do capitalismo. A cidade se torna palco de imagens complexas, com grandes intervenções urbanas, transformações e configurações do espaço urbanístico. Constituindo-se em resposta ao planejamento estratégico e ao crescimento econômico bem sucedido, a cidade se torna uma empresa. Como consequência, sua identidade visual se modifica, suas edificações são destruídas ou tomadas pela nova arquitetura, com paisagens urbanas repetitivas encontradas em diversos locais (TEOBALDO, 2010).

Os efeitos da chamada globalização sobre as políticas de ocupação do território urbano não são esquecidos pelos urbanistas estratégicos, mas pelo contrário, é transformado em dado essencial para transformar uma cidade em uma mercadoria competitiva. Esse mercado de cidades - com imagens e discursos estratégicos baseados nos processos de reprodução da economia global - evidencia a produção global do espaço social, e mostra a importância cada vez maior do espaço no capitalismo (TEOBALDO, 2010, p. 146).

Lipsch (2014) aponta a Revolução Industrial (XVIII) como agente precursor da urbanização uma vez que impulsionou o capitalismo, as atividades econômicas e o surgimento de novas tecnologias. Tais avanços tiveram como consequência alguns tipos de poluição, dentre elas a visual, perceptível principalmente nos centros urbanos. Devido ao excesso da comercialização e à publicidade inadequada, a poluição visual passou a interferir na harmonização espacial dessas áreas.

Tal característica se faz presente em algumas paisagens urbanas de locais voltados à comercialização, o que ocorre em praticamente todas as cidades. Conforme o desenvolvimento e o crescimento econômico, isso se intensifica em algumas delas ou se torna menor em outras. A Times Square de Nova York (figura 76) é um exemplo da intensificação. Um dos pontos mais movimentados da cidade é um espaço reconhecido pelo grande número de outdoors e propagandas em sua extensão, o que se torna parte de sua formação espacial e identidade visual.

Figura 76 – Publicidade na paisagem da Times Square



Fonte: Superinteressante, 2018. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/como-surgiram-ostelos-da-times-square-em-nova-york/>. Acesso em: 18 ago. 2020.

Atualmente, a necessidade de anúncios com o objetivo de identificação é mais presente no meio comercial, por isso a crescente iniciativa de paredes pintadas, outdoors e letreiros ganhou força no cenário urbano (RODRIGUES; SANTANA; SANTOS; SILVA NETO, 2011). Inicialmente, os cartazes faziam o trabalho de comunicação, transmitindo a propaganda ainda

no ano de 1820 em parte da Europa. Foram os primeiros outdoors a compor a paisagem urbana. No Brasil, em 1929, surgiam as primeiras empresas voltadas para o trabalho exclusivo com propaganda. Na década de 40, foram implantadas as tabuletas, mas somente nos anos 60 surgiram os outdoors, que se tornaram uso generalizado da identidade comercial (OLIVEIRA; PINTO, 2007).

Hoje em dia, percebe-se que as áreas comerciais desenvolveram suas próprias linguagens e símbolos como identidade visual. Em busca de maior sucesso no negócio, a propaganda se tornou uma grande estratégia de venda, necessária para atrair os consumidores (MENDES; VARGAS, 2002). Os espaços públicos e suas edificações são modificados, em sua maioria, devido à atividade varejista, o que contribui para o processo da descaracterização arquitetônica identitária desses espaços (DUARTE; NÓBREGA, 2009).

Nessa esteira, este trabalho busca compreender o espaço em estudo, apontando como ocorre a sua descaracterização por meio das fachadas modificadas no processo intensivo de comercialização, intervenção e instalação publicitária. Do mesmo modo, procura avaliar como tais ações produzem efeitos sobre a memória e a identidade visual do local.

A Rua Pinheiro Machado já foi chamada Rua do Comércio, o que ocorreu, segundo Cavalari (2011), devido ao grande número de estabelecimentos comerciais em sua extensão, ainda no início do século XX. Característica que ainda se faz presente hoje em dia, pois o espaço é composto por lojas, farmácias e outros com atividades similares. As edificações passaram a ser dominadas pelas atividades comerciais e publicidades externas em alto grau, o que contribuiu para redefinir a estética geral do lugar. Essa paisagem foi sendo formada pelas modificações nas edificações e nas áreas externas, que foram compondo e transformando o local, alterando seus aspectos espaciais, visuais e sociais. Isso ocorreu de forma involuntária e ininterrupta, construindo significados, associações, compreensões e sentidos. Por apresentar uma composição diversificada - através de seus prédios que apresentam diferentes estilos, épocas, usos, proporções -, o espaço possui certas especificidades e identidade espacial ímpar, o que o torna tão peculiar.

No intuito de explicar sobre as edificações do local, um perfil viário das ruas foi criado, realizando-se também um levantamento cronológico dessas edificações. As datas das construções foram obtidas no Registro de Imóveis de Cruz Alta. Algumas delas, principalmente as mais antigas ou irregulares, encontram-se em transição de matrícula, o que significa que existem no registro, porém não ocorreu a abertura da matrícula, o que inviabiliza localizá-las. O objetivo é oportunizar ao leitor uma experiência visual sobre o local, compreendendo toda a sua extensão, a integração entre as edificações, e como vão compondo a paisagem urbana. Além

disso, permite observar os aspectos arquitetônicos e estéticos das fachadas, estas que foram numeradas pela concepção da autora, possibilitando assim, localizá-las, analisar a ordem cronológica, comparar certos elementos, bem como compreender o espaço em seu aspecto geral e como se comporta sua morfologia.

A figura 77 apresenta o perfil viário 01, local em que se situa o Calçadão 2, e que faz frente com a Praça General Firmino de Paula. Na fachada leste, há um total de oito prédios, cada um com sua composição plástica do período de construção. Verifica-se em algumas partes uma harmonização de composição com volumetrias segmentadas, exceto pela edificação 03, que é mais alta que as demais. A edificação 01 é a Casa Bueno, que, segundo dados obtidos no Registro de Imóveis, é a mais antiga. Construída em 1884, desempenhava função residencial, mas hoje é utilizada como loja. A edificação 08, que atualmente abriga uma farmácia, foi construída em 1920, era a antiga sede do Banco Nacional do Comércio. Apresenta uma arquitetura elaborada em estilo eclético, ainda preservada na sua parte externa.

A fachada oeste apresenta sete edificações com diversos estilos, que vão do art decó ao contemporâneo. Há uma desarmonização na proporção das edificações, que apresentam diversas dimensões, o que gera grande contraste visual. A edificação 10 se destaca por sua extensão horizontal, enquanto a 11, pela grandeza vertical. As de número 12, 13 e 14 são menores, parecendo discretas se comparadas às demais. Percebe-se também uma diversificação de estilos, visto que a 09 é modernista, com muitos vidros, e as demais apresentam uma composição plástica mais tradicional em alvenaria.

A maioria das edificações é de uso comercial, algumas são mistas (comercial e residencial) por apresentarem mais de um pavimento. As adaptações realizadas são perceptíveis, principalmente nas edificações 12, 13 e 14, que possuem placas publicitárias e aberturas para vitrines. A edificação 15 é a que mais chama atenção por ser o antigo Cine Max, que atualmente abriga mais de três espaços comerciais. Por esse motivo, encontra-se fragmentada com diversidade de cores, placas e usos, além do estado de conservação instável, condições que acabam por desvalorizar o imóvel. Lyra (2006) questiona o limite para as intervenções e adaptações nas edificações, de modo que seja possível mantê-las sem descaracterizá-las, seja em partes ou por inteiro.

Figura 77 - Perfil viário 01



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

Na figura abaixo, pode-se comparar algumas das edificações do lado leste em diferentes períodos. A 08 é a mais conservada externamente, embora apresente algumas adições publicitárias pelo seu uso atual. Por outro lado, a 02 sofreu com depredações ao longo dos anos, em suas paredes e aberturas, sem contar o número de placas publicitárias que se destacam mais que o próprio imóvel. Na parte superior, foram mantidas as características arquitetônicas, em formas e estilos, já a parte inferior foi descaracterizada devido ao anexo comercial.

Figura 78 – Edificações à leste – perfil viário 01



Fonte: Roeber, 2020. Disponível em: <<http://www.unimedplanaltocentralrs.com.br/cruz-alta/index.php?nfpag=4>>. Acesso em: 04 jul. 2020 (fotos antigas). Acervo pessoal, 2020 (fotos atuais).

A figura 79 apresenta a comparação entre as edificações da fachada oeste, que passaram por modificações em suas fachadas, que variam de pequenas a grandes mudanças. Algumas estão parcialmente conservadas (10 e 14), já outras foram demolidas para dar espaço a novas construções, caso da 09, prédio do antigo Banco da Província, com uma arquitetura eclética

elaborada, foi substituído por uma obra modernista, de grande diferença estilística. De acordo com Lipsch (2014), o ambiente pode ser transformado pelo homem conforme as necessidades do sistema econômico, tornando-se artificial, o que pode também afetar visivelmente as formas do meio urbano.

Figura 79 – Edificações à oeste – perfil viário 01



Fonte: Roeber, 2020. Disponível em: <<http://www.unimedplanaltocentralrs.com.br/cruz-alta/index.php?nfpag=4>>. Acesso em: 04 jul. 2020 (fotos antigas). Acervo pessoal, 2020 (fotos atuais).

Avaliando o aspecto geral, observam-se consideráveis modificações no espaço, além da aplicação do Calçadão. Muitas edificações foram alteradas ao longo do tempo para se adequar às atividades comerciais, com remoção de aberturas, reformas e instalação de placas publicitárias (figura 80). Nesses estabelecimentos comerciais não planejados, que ocupam residências antigas precariamente adaptadas, percebe-se, conforme Mendes e Vargas (2002), a inadequação das alterações e intervenções. Nesses casos, são usadas cores vibrantes para a pintura, há grande quantidade de letreiros, cartazes de promoção e liquidação aplicados nas fachadas, tornando-se difícil identificar o espaço.

Figura 80 – Vistas perfil viário 01



Fonte: Roeber, 2020. Disponível em: <<http://www.unimedplanaltocentralrs.com.br/cruz-alta/index.php?nfpag=4>>. Acesso em: 04 jul. 2020 (fotos antigas). Acervo pessoal, 2020 (fotos atuais).

A figura 81 mostra o perfil viário do Calçadão 1, no sentido da Praça General Firmino de Paula à Érico Veríssimo. À leste, encontram-se onze edificações com diversos estilos e usos, predominando a falta de harmonia entre as volumetrias, visto que há imóveis térreos em meio a prédios maiores, o que gera grande contraste. Todos desenvolvem atividades comerciais, inclusive aqueles com mais pavimentos. Para tanto, passaram por modificações na parte inferior de suas fachadas para colocação de vitrines e instalação de placas publicitárias. Somente a 08 não apresenta nenhuma propaganda externa. O imóvel 01 chama a atenção por sua grande extensão, abrigando mais de quatro estabelecimentos comerciais, com diversas partes pintadas em cores diferentes, o que gera evidente desarmonia e poluição visual. Já nas edificações 04, 07 e 09, os elementos arquitetônicos característicos de seu estilo que ainda se fazem presente são as platibandas ornamentadas, pois o restante já foi modificado ou demolido.

A fachada oeste apresenta doze edificações, com a mesma formação aleatória. O espaço compreendido entre as de número 14 e 18 parece um aglomerado, tornando-se difícil diferenciar os prédios ou perceber seus limites. No imóvel 13, somente a parte térrea está em funcionamento atualmente, os pavimentos superiores estão desativados, o que causa um aspecto de abandono. A edificação 20, que abrigava o antigo Fórum, mantém suas características arquitetônicas preservadas, necessitando, no entanto, de manutenção.

Figura 81 - Perfil viário 02



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

Na figura abaixo, percebe-se que algumas das edificações da fachada leste passaram por grandes modificações ao longo dos anos, o que acabou por descaracterizá-las. A 01 mostra uma nova construção, que hoje já se encontra fragmentada devido à grande quantidade de atividades desempenhadas no local. Do mesmo modo, as de número 02, 05 e 11 foram substituídas por outras. A destruição das edificações sem utilidade, de acordo com Lyra (2006), é uma prática generalizada; em caso de reutilização, as modificações, muitas vezes, são realizadas sem preocupação com a historicidade e a estética do prédio, o que acarreta perdas irreversíveis.

Figura 82 – Edificações à leste – perfil viário 02



Fonte: Roeber, 2020. Disponível em: <<http://www.unimedplanaltocentralrs.com.br/cruz-alta/index.php?nfpag=4>>. Acesso em: 04 jul. 2020 (fotos antigas). Acervo pessoal, 2020 (fotos atuais).

Ao circular por locais dominados pela publicidade, o olhar do leitor se volta para os anúncios espalhados pelas fachadas. O concreto é coberto por palavras e imagens, perturbando a relação com o entorno e dificultando o reconhecimento de seu uso (DRIGO, 2009). É o que acontece com os imóveis da fachada oeste, que tiveram suas formas arquitetônicas

completamente alteradas por intervenções e instalações de letreiros, os quais acabaram se tornando os elementos de destaque. Através da comparação entre as imagens em diferentes períodos na figura 83, é possível observar grande transformação.

Figura 83 – Edificações à oeste – perfil viário 02



Fonte: Roeber, 2020. Disponível em: <<http://www.unimedplanaltocentralrs.com.br/cruz-alta/index.php?nfpag=4>>. Acesso em: 04 jul. 2020 (fotos antigas). Acervo pessoal, 2020 (fotos atuais).

A figura 84 expõe a modificação do trecho ao longo dos anos, pelas alterações nos imóveis, o que representa uma transformação espontânea dos centros urbanos que foram modificando a paisagem. Carlos (2007) enfatiza que o homem constrói o local para as ações cotidianas, essa é a importância das casas, praças, que, em conjunto, dão sentido ao lugar. Os fatos, momentos e histórias vão sendo colecionados, proporcionando, dessa forma, a experiência espaço-temporal.

Figura 84 – Vistas perfil viário 02



Fonte: Roeber, 2020. Disponível em: <<http://www.unimedplanaltocentralrs.com.br/cruz-alta/index.php?nfpag=4>>. Acesso em: 04 jul. 2020 (fotos antigas). Acervo pessoal, 2020 (fotos atuais).

O perfil viário 03 (figura 85) refere-se à rua ao lado do Calçadão 1, que conta, à leste, com doze edificações, cada uma delas com seu estilo e período de construção. Os imóveis 01, 02, 06 e 10 apresentam grandes placas de propaganda, o que dificulta a visualização da construção em si. O edifício 03 abrigava o antigo Cine Ideal e o 04, o Clube do Comércio. Na década de 40, ambos tinham atividades de entretenimento, atualmente desempenham função comercial. A mesma funcionalidade tem a edificação 05, que antigamente era a residência de Pinheiro Machado, figura que dá nome à rua. Observa-se também a presença de duas novas construções, o que reafirma o processo de transformação do espaço.

Doze imóveis estão presentes no lado oeste, e o que chama a atenção neles é a quantidade de mídias publicitárias, em grandes dimensões e variadas cores e estilos. Esse aglomerado de informações dificulta a compreensão visual e a distinção do limite territorial dos imóveis. Além disso, alguns desses edifícios têm estilo arquitetônico nulo, ou seja, indefinível, devido à grande modificação realizada. Identifica-se a perda de elementos estilísticos, restando apenas paredes vagas e sem referencial.

Figura 85 - Perfil viário 03



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

A figura 86 exhibe algumas edificações da fachada leste, podendo-se comparar sua modificação ao longo dos anos. Algumas delas foram remodeladas, outras, demolidas ou substituídas. Nota-se que os antigos imóveis não tinham as placas de propaganda como parte de sua estética, a arquitetura era mais interessante. Já hoje, são esses os elementos em destaque, tornando a paisagem pobre e comum. Em tal configuração, conforme Mendes e Vargas (2002), o edifício se torna a própria vitrine, e os elementos publicitários tomam conta das fachadas. Essa complexa formação gera o que Portella (2010) chamou de “sobrecarga visual”, quando a

quantidade excessiva de anúncios deixa o telespectador submetido a uma única visão: esses elementos de forma conjunta, sem uma definição.

Figura 86 – Edificações à leste – perfil viário 03



Fonte: Roeber, 2020. Disponível em: <<http://www.unimedplanaltocentralrs.com.br/cruz-alta/index.php?nfpag=4>>. Acesso em: 04 jul. 2020 (fotos antigas). Acervo pessoal, 2020 (fotos atuais).

À oeste (figura 87), a avaliação é similar: alguns imóveis foram reutilizados e adaptados, enquanto outros foram destruídos. Parte da identidade dessas obras foi perdida, e o que ainda se destaca são as propagandas. A intenção, de acordo com Mendes e Vargas (2002), independentemente da maneira como acontece, é chamar a atenção do consumidor, sem preocupação com a qualidade visual e seus impactos. Esse tipo de ação é fomentada por anunciantes, que desejam, cada vez mais, impulsionar as vendas e alcançar um maior campo de visão para suas mensagens (RODRIGUES; SANTANA; SANTOS; SILVA NETO, 2011).

Figura 87 – Edificações à oeste – perfil viário 03



Fonte: Roeber, 2020. Disponível em: <<http://www.unimedplanaltocentralrs.com.br/cruz-alta/index.php?nfpag=4>>. Acesso em: 04 jul. 2020 (fotos antigas). Acervo pessoal, 2020 (fotos atuais).

Ao modificar as edificações, mesmo que de forma individual, o resultado é perceptível na transformação do entorno, um processo ativo e contínuo na urbanização. Para Lamas (2010), as paisagens são compostas por justaposições de inúmeras imagens formadas por elementos urbanos. O desenho da cidade é importante não apenas para a forma espacial, mas também para criar a comunicação estética e significativa relacionada a esse espaço, o que pode ser exemplificado pela figura 88.

Figura 88 – Vistas perfil viário 03



Fonte: Roeber, 2020. Disponível em: <<http://www.unimedplanaltocentralrs.com.br/cruz-alta/index.php?nfpag=4>>. Acesso em: 04 jul. 2020 (fotos antigas). Acervo pessoal, 2020 (fotos atuais).

A figura 89 traz o perfil viário da rua que faz frente com a Praça Érico Veríssimo, e apresenta, à leste, nove edificações em variados estilos, tamanhos e estado de conservação. As de número 01 e 03 abrigam diversas atividades comerciais, cada uma com sua identidade visual, cores, elementos que as tornam fragmentadas e com uma identidade confusa. Os imóveis 04 e 05, embora apresentem estilo mais antigo, estão em bom estado de conservação. Merece destaque o edifício 08, que, devido a sua extensão, passou por reformas em apenas parte do prédio, o que deixou a construção desproporcional. Permanece um grande contraste visual entre novo e antigo, belo e abandonado. A fachada oeste conta com onze imóveis, muitos deles voltados para atividades comerciais. Os prédios apresentam variados estados de conservação, o 18 parece ser o que tem estado mais preservado. A primeira edificação foi demolida recentemente, dando espaço para uma nova obra. Ao centro, dois edifícios altos fogem da padronização local.

Figura 89 - Perfil viário 04



Acervo pessoal, 2020.

Na figura 90, é possível comparar as edificações da fachada leste, algumas das quais estão bem conservadas, como o caso da 05. Outras passaram por adaptações, como a 01, que teve uma parte demolida para dar espaço a uma construção moderna. Nesse processo, perdeu alguns de seus detalhes mais atraentes, restando apenas seu vértice na esquina.

Figura 90 – Edificações à leste – perfil viário 04



Fonte: Roeber, 2020. Disponível em: <<http://www.unimedplanaltocentralrs.com.br/cruz-alta/index.php?nfpag=4>>. Acesso em: 04 jul. 2020 (fotos antigas 01 e 02). Silva, 2000, p. 62 (foto antiga 05). Acervo pessoal, 2020 (fotos atuais).

No lado oeste (figura 91), observa-se que a edificação 20 se mantém conservada externamente, embora fracionada em algumas partes em função dos estabelecimentos que funcionam ali hoje em dia. As placas publicitárias e pinturas exprimem uma mistura de texturas e formas. Drigo (2009) salienta que as modificações são suporte para os anúncios publicitários, fazendo parte do espaço urbano.

Figura 91 – Edificações à oeste – perfil viário 04



Fonte: Roeber, 2020. Disponível em:
 <<http://www.unimedplanaltocentralrs.com.br/cruz-alta/index.php?nfpag=4>>.
 Acesso em: 04 jul. 2020 (fotos antigas). Acervo pessoal, 2020 (fotos atuais).

No aspecto geral, essa paisagem passou por algumas modificações, alguns imóveis foram mantidos, outros foram remodelados ou até substituídos. A figura 92 permite acompanhar a evolução da área, pois, conforme Carlos (2007, p. 58), “O processo de reprodução espacial metropolitano que se faz a partir da articulação entre formas antigas que sobrevivem à devastação imposta pelo “novo” [...]”.

Figura 92 – Vistas perfil viário 04



Fonte: Roeber, 2020. Disponível em:
 <<http://www.unimedplanaltocentralrs.com.br/cruz-alta/index.php?nfpag=4>>.
 Acesso em: 04 jul. 2020 (fotos antigas). Acervo pessoal, 2020 (fotos atuais).

O conjunto urbano em estudo apresenta características específicas em sua composição, as quais se repetem em certos momentos nas edificações e no espaço e, em conjunto, definem a paisagem local. Algumas das mais encontradas são: desarmonização na proporção da dimensão das edificações, contrastes estilísticos, pinturas estilizadas, diferenças de períodos de construção, usos de imóveis sem relação ao seu histórico, fragmentação das construções pelo

uso composto, intervenções arquitetônicas desorganizadas para aplicação de vitrines e placas, demolição de espaços, falta de harmonia e integração entre as edificações, aglomerações e poluição visual. O estado de conservação de algumas delas é instável, devido ao abandono ou à falta de manutenção, pinturas e reparos, o que causa certo desconforto visual, além de gerar um aspecto de desamparo e abandono. Isso prejudica seu caráter estético e a paisagem em que se encontram, aspecto demonstrado pelas obras da figura 93.

Figura 93 – Estado instável de conservação de edificações



Acervo pessoal, 2020.

A presença constante de mídias externas nas fachadas, muitas em grandes dimensões, é outro fator que deve ser destacado. Não há uma padronização estipulada, o que significa que cada estabelecimento realiza as modificações que desejar. A maioria delas, em tamanho exagerado, acaba se sobressaindo, e os prédios ficam escondidos pelas placas. Em primeiro plano, fica aparente a mistura de cores, formas, símbolos e letras, o que dificulta a visualização e compreensão do espaço, que se torna confuso e desorganizado. Tais ações, segundo Mendes e Vargas (2002), causam transformações nas edificações e no espaço em geral, que perde suas características culturais, o que pode ser observado na figura 94.

Figura 94 – Placas publicitárias em destaque



Acervo pessoal, 2020.

Os equipamentos urbanos também são agentes relevantes na formação visual local. Muitas vezes, não se integram ao espaço de forma harmônica, parecendo desorganizados, o que gera um aspecto desagradável. Na figura abaixo, apresentam-se alguns exemplos de placas de propaganda e placas de trânsito que destoam no espaço, bancos e lixeiras que poderiam ser mais conservados. Além disso, as imagens de postes localizados em frente às edificações, com excesso de fiação, mostram que eles acabam chamando mais atenção que a própria obra.

Figura 95 – Equipamentos e elementos urbanos



Acervo pessoal, 2020.

A venda externa é algo comum no lugar, as calçadas públicas tornam-se extensões das lojas. No caso do comércio ambulante, a calçada se transforma na própria loja, o que torna o local ainda mais confuso, devido ao aglomerado de produtos em via pública. Tais elementos instáveis encontrados nas ruas podem ser notados ou não, no entanto, contribuem para a devastação da paisagem (RODRIGUES; SANTANA; SANTOS; SILVA NETO, 2011).

Figura 96- Lojas de apropriação externa



Acervo pessoal, 2020.

Com relação ao exposto, Lynch (2011, p. 102) confirma: “É evidente que a cidade tem uma história econômica, cultural e política de enormes proporções e que os indícios visuais desse passado explicam grandes partes das inconfundíveis características [...]”. A fragmentação dos lugares da cidade e os modos de apropriação do espaço produzem uma nova relação entre ele e a sociedade, que é perceptível nos diferentes tipos de utilização e pela formação da identidade a ele imposta (CARLOS, 2007). Rossi (1998) auxilia na compreensão da relação entre edificação, espaço e identidade.

Neste sentido, o edifício também se identifica como a realidade urbana; e aqui se revela o caráter urbano dos fatos arquitetônicos, os quais adquirem um significado mais vasto com relação às características do “projeto”. Querer entendê-los separadamente destas, procurando forçar e interpretar as funções puramente distributivas como momento de representação, leva o discurso à estreita visão funcionalista da cidade (ROSSI, 1998, p. 172).

Quanto ao uso externo dos edifícios de centros comerciais, Duarte e Nóbrega (2009) afirmam que, em algumas situações, são utilizados como suporte, classificação no caso de existir fixação de mídias externas, porém, com a possibilidade de realizar uma leitura arquitetônica do imóvel. Por outro lado, são denominados publicitários quando os elementos de propaganda impedem a visualização da arquitetura da edificação, que se torna nula.

A partir dessa especificação, realizou-se através da concepção da autora, uma avaliação sobre as fachadas do local delimitado para estudo, com o objetivo de ter uma estimativa de como se comportam no espaço. Para tanto, foi desenvolvida uma tabela com essas informações, que serviu de subsídio para análise, comparação e compreensão. Foi possível estimar que: 49,40% das edificações da área têm mais de um pavimento; 46,99% são imóveis fragmentados, ou seja, apresentam mais de um estabelecimento comercial e identidade visual diferenciada; 69,88% dos edifícios apresentam intervenções arquitetônicas perceptíveis; 81,93% dos espaços contam com placas ou algum tipo de propaganda; 9,64% têm estado arquitetônico de

conservação instável, necessitando de reparos; 37,35% são fachadas que desempenham a função de suporte às propagandas; 62,65% são fachadas em que a função publicitária é predominante em sua estética.

Tabela 01 – Análise de características predominantes

| ANÁLISE REALIZADA | CALÇADÃO 2 15 edificações | CALÇADÃO 1 23 edificações | RUA 1 25 edificações | RUA 2 20 edificações | TOTAL 83 | % |
|---|------------------------------|------------------------------|-------------------------|-------------------------|-------------|-------|
| Edificações com mais de um pavimento | 9 | 11 | 10 | 11 | 41 | 49,40 |
| Edificação fragmentada com mais de um estabelecimento comercial | 9 | 13 | 7 | 10 | 39 | 46,99 |
| Intervenções arquitetônicas visíveis | 12 | 17 | 16 | 13 | 58 | 69,88 |
| Placas publicitárias | 15 | 21 | 19 | 13 | 68 | 81,93 |
| Edificações em estado de conservação instável | 3 | 4 | - | 1 | 8 | 9,64 |
| Edificações suporte | 7 | 8 | 7 | 9 | 31 | 37,35 |
| Edificações publicitárias | 8 | 15 | 18 | 11 | 52 | 62,65 |

Acervo pessoal, 2020.

No local em estudo, diversas tipologias de intervenções foram realizadas, de modo geral, sobre as edificações. De acordo com Santos (1995):

O estilo que predomina na arquitetura urbana de hoje é a mistura dos estilos, numa inusitada demonstração de variedades estética e de sensibilidade arqueológica. A natureza da paisagem urbana diversifica-se e as ruínas e outros conjunto arquitectónicos antigos e mais amplos, criados com finalidades bem definidas e por classes sociais também claramente identificadas, mostram-se adaptáveis a épocas distintas, com outras funcionalidades e exigências e ao serviço das classes sociais (SANTOS, 1995, p. 222).

O lugar apresenta grande quantidade de edificações, com variados estilos, estados de conservação e usos. Muitas delas são contemporâneas, outras, mais antigas como pode-se observar pela linha de tempo realizada, em que algumas ainda até não possuem abertura de matrícula o que impossibilita descobrir o ano de construção. Aparecem fachadas com publicidade dos mais diversos tipos, formatos, cores e fontes, nas quais é comum o excesso de informação. A grande impulsão comercial que domina estas edificações, muitas vezes são estabelecimentos voltados apenas a economia e que não possuem nenhum vínculo direto com a cidade de Cruz Alta e sua história, não possuindo assim, um compromisso ou interesse em manter suas questões históricas e identitárias. Hochmuller (2002) aponta os inúmeros fatores de deterioração do centro urbano e seu conjunto de edificações: as intervenções do homem, a

falta de cuidado e manutenção, as questões climáticas e naturais do próprio imóvel, a falha no telhado que ocasiona a entrada de água da chuva, o vencimento dos materiais, o desgaste devido ao tempo, entre outros. Considerando-se o conjunto dos prédios, tais fatores agravam a situação da paisagem local. Para Mendes e Vargas (2002, p. 05): “Esta situação reflete-se fortemente na imagem da cidade, e na qualidade ambiental urbana dos centros terciários. Poluição visual, dificuldade de orientação, dificuldade de deslocamento nas ruas e nas calçadas, por uso indevido das mesmas”.

Com o abandono dos centros históricos pelo surgimento de outros polos nas cidades, certos espaços passam a ser utilizados de forma diversa, sem legislação ou controle. O espaço, muitas vezes, acaba sendo modificado e deteriorado. Lugares considerados centros de socialização entre os moradores, passam a ser apenas locais de trabalho, comércio e consumo, o que torna o lugar artificial, sem vínculo entre os moradores e usuários, desvinculado de sua história e identidade (TEOBALDO, 2010). Para Lamas (2010, p. 54), “As funções dos centros urbanos evoluíram, passando de lugares de defesa e de poder a lugares de comércio, serviços e trocas culturais”. Pesavento (2005) pondera que a passagem do tempo modifica o espaço, as práticas sociais do consumo, as formas do urbano, sua função e uso, descaracterizando o passado da cidade. As mudanças são por vezes tão intensas que impedem evocações espontâneas, criando um sentimento de estranhamento. A memória representa a luta contra o esquecimento, destacando-se a arquitetura e a história como atividades humanas marcadas por enfrentar o tempo na busca de assegurar registros.

De acordo com Souza (2012, p. 18), “O meio urbano público mostra-se, ao contrário, repleto de articulações, segregações e rupturas, cujos significados tornam-se específicos”. A preservação da memória coletiva, aspecto fundamental para a formação da sociedade, passa pela busca da preservação arquitetônica e pela não destruição das construções antigas, que foram pioneiras na formação da cidade (ROLNIK, 1995). Hoje em dia, a busca pela preservação dos valores culturais está relacionada à comunicação, à globalização e à economia, que juntas também visam à manutenção da identidade do lugar em que se inserem e da população que ali habita. O passado está interligado com as referências de território, com a necessidade de compreendê-lo conectando-o ao futuro (SIMÃO, 2006). A difícil meta de preservação das edificações antigas é um desafio constante, pois precisa lidar com a pressão econômica e a disputa entre espaços comerciais, o crescimento industrial e a alta demanda por espaços públicos, privados e moradias (FRONER, 2013).

A referencialidade múltipla da cultura urbana tem características que se manifestam por signos presentes na materialidade espacial de sua paisagem. Não é a cidade que causa a

transformação da identidade em algo fluído, isso se deve à cultura, que altera tanto a cidade quanto a identidade, criando uma relação paradoxal entre a memória e cidade. Tais espaços são definidos como “lugares de memória”, em que as lembranças são induzidas pelos centros históricos ou monumentos que se encontram espalhados pela cidade (BARROS; MOREIRA, 2009). Através do patrimônio histórico urbano e arquitetônico é possível ver a maneira como uma sociedade constrói sua história, que pode ser uma realidade física ou ilustrativa, a herança histórica de determinado grupo social e seu espaço (POULOT, 2009). Independente de ser um passado coletivo ou particular, as edificações representam uma sociedade, visto que os “monumentos” carregam uma identidade local em suas composições, revelam uma relação íntima com a história, abrigam acontecimentos e fatos que os fazem atemporais. Os monumentos são convites a conhecer a história - e até o presente -, possuem significados plurais, textos visuais que estimulam os sentidos (SANTOS, 1995).

Nesta perspectiva, o conceito de patrimônio cultural pode ser entendido então como um conjunto de bens, materiais ou imateriais, merecedores de proteção, visando sua transmissão/herança para as gerações futuras, dado o valor relevante a eles atribuído, enquanto manifestações culturais e símbolos da nação (LIMA, 2013, p. 03).

De acordo com Vaz (2009), os monumentos arquitetônicos, além de ter a missão de difundir a história e o conhecimento, têm a incumbência de transmitir sensibilidade e admiração pelo passado - ainda presente - para as futuras gerações. Representam uma forma de preservar a memória e salvaguardar o passado, devido ao seu valor civilizacional, documental, histórico e social. Tornam-se grandes agentes responsáveis por informações, códigos a serem interpretados, pois muitos são expressões de crenças, hábitos e costumes dos povos e de suas respectivas épocas. Constituem-se em um grande material vivo de estudo (VAZ, 2009).

O caráter histórico concerne ao interesse que tais assentamentos apresentam como testemunhos de civilizações do passado e como documentos de cultura urbana, mesmo independentemente de seu intrínseco valor artístico ou formal, ou de seu particular aspecto ambiental, que podem enriquecer e exaltar no futuro o seu valor, pois não apenas a arquitetura, mas também a estrutura possui, por si mesma, significado e valor (BRANDI, 2004, p. 256).

Vale ressaltar que nem toda edificação antiga é considerada monumento ou patrimônio. Isso só acontece quando o objetivo em manter a edificação se deve a sua importância, não por ser antiga ou bela, mas por sua autenticidade e testemunho, por seu trajeto histórico (VAZ, 2009).

Ou seja, negligência, abandono, destruições, transformações imponderadas de monumentos e sítios históricos (elementos de rememoração, instrumentos da memória), afetam a integridade material e a autenticidade, implicam intolerância, que leva ao aniquilamento da multiplicidade, que resulta num instrumental deficiente para compreender e se adaptar à própria realidade atual e futura – e por conseguinte, impõe limitações à própria possibilidade de liberdade –, podendo gerar perturbações tanto para o indivíduo quanto para a coletividade. Por isso toda a importância dada à preservação dos monumentos-documentos da forma mais ampla possível (KÜHL, 2006 p. 35).

Não se deve considerar que o correto é preservar tudo, transformar tudo, ou muito menos destruir tudo, pois isso seria irresponsabilidade. É preciso reconhecer que todas as criações humanas são canais para estudo e aprendizado, mas é necessário realizar certas escolhas, que devem ser fundamentadas em justificativas plausíveis por estudiosos da área, o que não diz respeito a gosto, opinião pessoal ou beleza. Refere-se, por outro lado, à questão da importância histórica, cultural, antropológica, social, artística e arquitetônica, devendo ser realizada de forma consciente (KÜHL, 2006).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa sobre temas que envolvem espaços urbanos é uma forma de compreender as questões espaciais de determinado local, bem como sua formação no que diz respeito à morfologia, composição física e estruturação territorial. Esses elementos se integram e dão forma e imagem a ruas, bairros e cidades. É fundamental, ao longo do levantamento espacial, voltar-se também às questões sociais, históricas e políticas do espaço, pois é esse conjunto de fatores que o determina e imprime nele características físicas.

O espaço, além de ser um campo material articulado, é o local onde ações são praticadas, fatos acontecem, a vida de determinada população se desenvolve. Através das práticas cotidianas, o espaço vai se moldando e vai sendo modificado de forma contínua, com elementos caracterizadores que geram uma identidade formada pela composição arquitetônica, urbanística, formal e plástica. É isso que dá ao lugar uma identidade.

Tal análise se fez presente durante o estudo sobre a parte da Rua Pinheiro Machado que é o foco deste trabalho dissertativo. Inicialmente, foi preciso compreender o início da formação da cidade de Cruz Alta, pesquisando sobre o seu desenvolvimento histórico ainda quando o próprio estado do Rio Grande do Sul se encontrava em formação. Isso permitiu pontuar elementos explicativos sobre a cidade: a razão pela qual se tornou importante com o passar do tempo, o motivo de sua formação espacial ser da maneira que se encontra hoje. Do mesmo modo, foi possível entender seu desenvolvimento morfológico ao longo dos anos, bem como a composição característica plástica e estética de suas edificações.

As construções do centro da cidade demonstram a riqueza arquitetônica que essa área apresenta. Elas se integram umas às outras em variados estilos - do eclético ao contemporâneo -, e nessa aleatoriedade estética compõem a paisagem, talvez um dos aspectos mais peculiares e marcantes da imagem urbana cruzaltense. A importância da arquitetura na composição física de uma cidade parece inegável nesse cenário, principalmente em sua formação social e histórica. Os edifícios, na verdade, relatam muito mais que a beleza estética do lugar; também ativam a memória coletiva ao possibilitarem lembranças de acontecimentos passados.

Ao se avaliar como tais edificações são utilizadas atualmente, observou-se um processo intensivo de comercialização junto ao mercado imobiliário. Pela localização central na cidade, esses lugares têm valor territorial e espacial alto se comparado ao de outras áreas urbanas. Tornaram-se, assim, espaços disputados e valorizados economicamente. Ficou nítido o domínio da exploração imobiliária no local, salientando-se que a instalação de espaços comerciais em grande quantidade gera uma paisagem urbana muito característica de áreas econômicas, nas

quais predominam intervenções externas para adaptações ao uso do imóvel. A aplicação de identidades visuais volta-se para a propaganda e a venda, com grande presença de placas e outdoors, na busca de captar clientes. Algumas dessas edificações são usadas, muitas vezes, como o próprio meio publicitário. Muitas abrigam mais de um espaço comercial, com pinturas externas estilizadas, placas em diferentes estilos, cores e fontes, o que gera uma degradação visual do imóvel. Em meio a tantas informações de maior destaque, pode ser difícil notar a construção em si, que deixa de ser o ponto referencial.

Assim, os edifícios acabam se tornando apenas meios de uso para a prática de atividades, sem muita preocupação com certos elementos estéticos ou históricos. Muitos são modificados, alugados, vendidos, demolidos, ações que variam conforme o uso pretendido para o imóvel. Ao se comparar as imagens que retratam as edificações antigamente e hoje em dia, observou-se que várias foram modificadas e adaptadas no processo de comercialização ao longo dos anos. Acabaram perdendo, em muitos casos, parte de suas características, fato que modificou, por consequência, sua identidade. O que mais chama a atenção, entretanto, é que ainda que ocorra de forma individual em cada imóvel, isso acabou modificando também a paisagem geral do entorno. Por mais que pareçam irrelevantes, essas ações têm grande impacto sobre o espaço.

O trecho da Rua Pinheiro Machado, em Cruz Alta, escolhido como tema de estudo, é um espaço que esteve presente desde o surgimento da cidade e no seu período de formação. Esse lugar teve grande desenvolvimento urbano, arquitetônico, social, e, ao se observar sua morfologia, é possível dizer que conta sua própria história. Não se trata de uma rua comum, pois é um local de grande relevância identitária para a cidade. O processo de mudança de nome da rua - que passou de Rua da Olaria para Rua das Carretas, depois para Rua do Comércio e, finalmente, para Pinheiro Machado - carrega sua história, acontecimentos, fatos, significados e, acima de tudo, sua memória. Ao circular pelo local, é possível perceber essa memória em sua composição geral.

A realização dos perfis viários permitiu identificar que as características externas das edificações são dominadas pela comercialização. As fachadas foram modificadas, em sua maioria, para a adição de vitrines, placas e elementos que beneficiam as atividades ali desenvolvidas. Tais intervenções foram, ao longo do tempo, modificando a paisagem do espaço. A memória desse cenário urbano é possível através das edificações, ainda que seja por detalhes remanescentes. São platibandas, algumas aberturas, telhados, formas que não foram totalmente modificadas, elementos simples que são responsáveis por proporcionar uma memória intensa, perceptível a quem passa pelo lugar.

Apesar da face comercial imposta ao local, muitas dessas obras ainda se mantêm em pé, ainda que estejam descaracterizadas em parte, o que demonstra o reconhecimento pela oportunidade de uso e permanência no meio urbano. O espaço carrega um misto de aspectos sociais, políticos, comerciais, históricos, que demonstram sua resiliência às ações do homem. Mesmo com as modificações impostas com o passar do tempo, sempre acolheu o desenrolar das ações humanas, sendo palco e cenário de sua sociedade.

Ao final do trabalho, foi possível avaliar que o aprendizado foi além do estudo sobre um local determinado. Foi valiosa a aprendizagem sobre o espaço, seus aspectos sociais e históricos, e como tais elementos ali se integram. Não se trata apenas de um aglomerado de edificações para o desenvolvimento de determinadas atividades, trata-se da memória presente diariamente na vida de sua população. Por trás de grandes placas, propagandas e demais elementos, há uma história sendo contada.

A modificação nas fachadas das edificações devido a comercialização intensiva, é um fenômeno que ocorre em muitas cidades. No local em estudo, é uma ação permanente, que vem ocorrendo ao longo dos anos, onde se percebe a constante busca de adaptação destes espaços com intervenções e propagandas para o crescimento de vendas e a atração de clientes. Contudo, seria necessário pensar em algumas alternativas para manter a valorização do espaço, respeitando as individualidades, e evitando maiores perdas. Isso poderia ocorrer através da padronização das intervenções - reformas, remoção de aberturas, pinturas - e da adição de mídias externas, o que beneficiaria o imóvel, que seria reconhecido e valorizado esteticamente. Da mesma forma, os estabelecimentos contariam com um espaço mais harmônico, com qualidade visual e um aspecto mais convidativo ao consumidor. Tal iniciativa beneficiaria a memória identitária local e os comerciantes, além de revitalizar o lugar de várias maneiras.

A valorização das edificações desse espaço é fundamental, visto que são museus a céu aberto. Até mesmo suas fachadas trazem memórias, histórias e vida à cidade inteira, tornando-se, assim, obras de grande valor cultural e identitário urbano. Nenhum espaço é imutável, as transformações são inevitáveis, representam o progresso ao longo do tempo, e fazem parte da vida da cidade e de sua sociedade. Entretanto, as intervenções precisam ser realizadas de modo que a integridade do local seja mantida, criando-se uma conexão positiva entre o espaço e sua memória social. São ações que deveriam ser estudadas, discutidas e integradas a outros temas sociais da atualidade, pois remetem à cultura da sociedade, que desenvolve nesse espaço suas características identitárias. No momento em que se perdem esses valores, criam-se indivíduos vazios e desconectados de suas origens, que habitam um espaço vago e sem referencial. Valorizar o espaço local é uma forma de incentivar a população a reconhecer, valorizar e se

identificar com a história do próprio lugar - medida que deveria ocorrer em todas as cidades -, desenvolvendo a consciência cultural de seus moradores. Faz-se necessário estimular princípios de reconhecimento e respeito pelo patrimônio local, o que deve refletir nas ações realizadas nas edificações e no espaço de forma positiva, levando-se em consideração a memória social.

A cidade é no entanto, uma representação de estar sobre a mesma, é vista pelo olhar do sujeito, seu usuário, por suas concepções e experiências, ela não é vista como singular, mas sim como um conjunto de fatores que a determinam, através de seus fenômenos físicos, espaciais, mas além disso, por seus fenômenos culturais e histórico, a cidade é multifacetada.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Juliana Gazza. *Problemática da poluição visual nas grandes metrópoles. Rua 25 de março: antecedentes e perspectivas*. 2009. Dissertação de mestrado - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/Ciencias/Dissertacoes/poluic_visual.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2020.
- BARROS, José Márcio; MOREIRA, Fayga. Diversidade e identidades: fronteiras e tensões culturais no espaço urbano. *Políticas Culturais em Revista*, v.2, n.2, p. 50-59, 2009. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/pculturais/article/view/4275>> Acesso em: 03 set. 2019.
- BENEVOLO, Leonardo. *A cidade e o Arquiteto*. São Paulo: Perspectiva. 1991. 144 p.
- BRANDI, Cesare. *Teoria da Restauração*. Cotia: Artes & Ofícios, 2004. 261 p.
- CARPINTÉRO, Marisa Varanda Teixeira; CERASOLI, Josianne Francia. A cidade como história. *História: questões & debates*, Curitiba, Editora UFPR, n. 50, p. 1-101, jan/jun. 2009. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/15672/10413>> Acesso em: 10 out. 2019.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. *O espaço urbano: novos escritos sobre a sociedade*. São Paulo: FFLCH, 2007. 123 p.
- CASTELNOU NETO, Antonio Manoel. A intervenção arquitetônica em obras existentes. *Semina, Ciências Exatas/Tecnológicas*, Londrina, v.13, n.4, p.265-268, dez.1992. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/semexatas/article/view/3200/2681>> Acesso em: 02 fev. 2020.
- CAVALARI, Rossano Viero. *A gênese de Cruz Alta*. Cruz Alta: UNICRUZ, 2004. 257 p.
- CAVALARI, Rossano Viero. *Dicionário de Cruz Alta histórico e ilustrado*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2011. 432 p.
- CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: UNESP, 2001. 282 p.
- CRUZ ALTA, Município de Cruz Alta. Disponível em: <<https://cruzalta.atende.net/#!/tipo/inicial>>. Acesso em: 15 mai. 2020.
- CRUZ ALTA. Prefeitura. *Lei complementar n.º 0040 de 03 de setembro de 2007 - Plano diretor de desenvolvimento urbano ambiental*. Cruz Alta, 2007.
- CRUZ ALTA URGENTE. Ano I, n. 03, Cruz Alta, quarta-feira, 07 de março de 1979. 12 p.
- CRUZ ALTA URGENTE. Ano I, n.32, Cruz Alta, terça-feira, 10 de abril de 1979. 12 p.
- CRUZ ALTA URGENTE. Ano I, n.37, Cruz Alta, terça-feira, 17 de abril de 1979. 12 p.

CRUZ ALTA URGENTE. Ano I, n.41, Cruz Alta, sábado, 21 de abril de 1979. 10 p.

CRUZ ALTA URGENTE. Ano I, n. 42, Cruz Alta, terça-feira, 24 de abril de 1979. 12 p.

CRUZ ALTA URGENTE. Ano II, n. 311, Cruz Alta, sexta-feira, 14 de março de 1980. 12 p.

CRUZ ALTA URGENTE. Ano II, n. 312, Cruz Alta, sábado, 15 de março de 1980. 12 p.

CRUZ ALTA URGENTE. Ano II, n. 313, Cruz Alta, domingo, 16 de março de 1980. 20 p.

CRUZ ALTA URGENTE. Ano II, n. 314, Cruz Alta, terça-feira, 18 de março de 1980. 12 p.

CRUZ ALTA URGENTE. Ano II, n.341, Cruz Alta, quarta-feira, 19 de abril de 1980. 12 p.

CRUZ ALTA URGENTE. Ano II, n. 433, Cruz Alta, sexta-feira, 08 de agosto de 1980. 12 p.

DIÁRIO SERRANO. Nº 10.675, Cruz Alta, terça-feira, 24 de abril de 1979. 16 p.

DIÁRIO SERRANO. Nº 10.916, Cruz Alta, sexta-feira 08 de fevereiro de 1980. 12 p.

DIÁRIO SERRANO. Nº 10946, Cruz Alta, sexta-feira, 14 de março de 1980. 12 p.

DRIGO, Maria Ogécia. Cidade/invisibilidade e cidade/estranhamento: São Paulo antes e depois da lei “Cidade Limpa”. *Revista Galáxia*, São Paulo, n. 17, p.49-64, 2009. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/2097>>. Acesso em: 20 ago. 2020.

DUARTE, Clarissa; NÓBREGA, Maria de Lourdes Carneiro de Cunha. Publicidade e identidade na arquitetura do espaço público. *Revista Brasileira de Gestão Urbana*, Curitiba, v. 1, n. 2, p. 223-234. 2009. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/Urbe/article/viewFile/5248/20738>>. Acesso em: 06 ago. 2020.

FONSECA, Fábio Luiz. *Os calçadões e sua importância para a qualidade urbana na área central de Juiz de Fora*. Dissertação de mestrado - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2012. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/ambienteconstruido/files/2012/03/F%3%a1bio-Fonseca-2012-Os-Cal%3%a7ad%3%b5es-e-sua-import%3%a2ncia-para-a-qualidade-urbana-na-%3%a1rea-central-de-Juiz-de-Fora-disserta%3%a7%3%a3_o.pdf> Acesso em: 15 ago. 2020.

FONSECA, Maria Cecília Londres. *O patrimônio em processo*. 2 ed. Rio de Janeiro: UFRJ/MinC – IPHAN, 2005. 294 p.

FRONER, Yacy-Ara. Patrimônio arquitetônico: conceitos contemporâneos nas cartas do ICOMOS. *Oculum ens.*, Campinas, v.10, n.2, p. 243-255. 2013. Disponível em: <<http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/oculum/article/view/2143/1789>>. Acesso em: 23 out. 2019.

HOCHMULLER, Suzana Schetttert. *Revitalização do calçadão de Cruz alta*. Trabalho de conclusão de curso. Universidade de Cruz Alta. 2002.

IPHAE, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado. *Bens tombados*. 2020. Disponível em: <<http://www.iphae.rs.gov.br/Main.php?do=paginaInicialAc>>. Acesso em: 1 jun. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Área de unidade territorial 2019*. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/cruz-alta/panorama>>. Acesso em: 08 de jul. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Censo demográfico 2010*. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/cruz-alta/panorama>>. Acesso em: 17set. 2019.

JACOBS, Jane. *Morte e vida de grandes cidades*. São Paulo: Martins Fontes, 2000. 510 p.

JANUZZI, Denise de Cássia Rossetto. *Calçadões: a revitalização urbana e a valorização das estruturas comerciais em áreas centrais*. Tese de Doutorado - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/dispo_niveis/16/16131/tde-18112010-100855/publico/Denise_Januzzi_Tese.pdf> Acesso em: 15 ago. 2020.

JUNIOR LOPES, Wilson Martins; SANTOS, Regina Celia Bega dos. Novas centralidades na perspectiva da relação centro – periferia. *Sociedade & Natureza*, Uberlândia, v. 21, n. 3, 2009, p. 351-359. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S198245132009000300010&lng=en&nrm=iso&tlng=en> Acesso em: 20 ago. 2020.

KIEFER, Marcelo. *Cidade: Memória e contemporaneidade*. Dissertação de mestrado – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2005. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/6051/000524184.pdf?sequence=>>> Acesso em: 08 dez. 2019

KÜHL, Beatriz Mugayar. História e Ética na Conservação e na Restauração de Monumentos Históricos. *R PCP*, São Paulo, v.1, n.1, p. 16-40, 2006. Disponível em:<<http://www.revistas.usp.br/cpc/article/view/15579/17153> > Acesso em: 15 set. 2019.

LAMAS, José M. Ressano Garcia. *Morfologia urbana e desenho da cidade*. 5 ed. Fundação Calouste Gulbenkian, 2010. p. 37-61.

LIMA, Marcia Cristina Senra Marinho de. Cidade, identidade e os lugares de memória. *Revista Unimontes Científica*, v. 14, n. 2, p. 1-11, 2012. Disponível em: <<http://www.ruc.unimontes.br/index.php/unicientifica/article/view/250/242>> Acesso em: 15 dez. 2019.

LIPSCH, Tiago José. *Poluição visual nos centros urbanos*. In: I Jornada Interdisciplinar de Direito, 2014, Juína. *Anais [...]*. Juína: Faculdades de Ciências Contábeis e Administração do Vale do Juruena, 2014. Disponível em:<<http://www.site.ajes.edu.br/jornada/arquivos/20140711200629.pdf>>. Aceso em: 20 15 ago. 2020.

LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. 3 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes; 2011. 227 p.

LYRA Cyro Corrêa. A importância do uso na preservação da obra de arquitetura. *Revista do programa de pós-graduação em artes visuais, UFRJ*, Rio de Janeiro, 2006 v.1, p. 53-57. Disponível em: <http://www.ppgav.eba.ufrj.br/wp-content/uploads/2012/01/ae13_cyro_lyra.pdf>. Acesso em: 04 out. 2019.

MADEIRA, Henrique; POZZATTO, Greice. *A lenda da panelinha*. Cruzaltino, 2011. Disponível em: <http://cruzaltino.blogspot.com/2011/02/lenda-da-panelinha_09.html> Acesso em: 05 jun. 2020.

MAUAD, Ana Maria. *Poses e flagrantes: ensaios sobre história e fotografia*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense. 2008. 262 p.

MENDES, Camila Faccioni; VARGAS, Heliana Comin. *Poluição visual e paisagem urbana: quem lucra com o caos?* Vitruvius, 2002. Disponível em: <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/02.020/816>>. Acesso em: 15 jul. 2020.

MOREIRA, Pedro Couto. *O inventário do Patrimônio arquitetônico das zonas de entorno dos bens tombados de Cruz Alta - RS*. Dissertação de mestrado - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/11045/MOREIRA%2c%20PEDRO%20COUTO.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acesso em: 12 nov. 2019.

OLIVEIRA, Nathália Pucci; PINTO, Evelyn Xavier. *A Importância do Outdoor como Meio de Comunicação de Massa e como Mídia Exterior*. In: Intercom - XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2007, Santos. *Anais [...]*. Santos, 2007. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R1572-1.pdf>>. Acesso em: 27 jul. 2020.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Cidade, espaço e tempo: reflexões sobre a memória e o patrimônio urbano*. *Cadernos do LEPAARQ – Textos de Antropologia, Arqueologia e Patrimônio*, Pelotas, v. 2, n. 4, p. 9-17, 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/lepaarq/article/view/893/873>>. Acesso em: 02 ago. 2020.

PORTELLA, Adriana. *A interface entre a pesquisa e a prática projetual: análise crítico-metodológica da contribuição da psicologia ambiental e do geoprocessamento na elaboração de projetos urbanos*. In: ENANPARQ - I Encontro Nacional da Associação de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. *Anais [...]*. Rio de Janeiro, 2010. 24 p. Disponível: <<https://www.anparq.org.br/dvd-enanparq/simposios/165/165-701-1-SP.pdf>>. Acesso em: 17 ago. 2020

POULOT, Dominique. *Uma história do patrimônio no Ocidente*. São Paulo: Estação Liberdade. 2009. 239 p.

ROBBA, Fabio; MACEDO, Silvio Soares de. *Praças Brasileiras*. 2.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial do estado de São Paulo, 2003. 310 p.

ROCHA, Prudêncio. *A história de Cruz Alta*. 2 ed. Cruz Alta: Empresa Gráfica Mercúrio Ltda- Cruz Alta-RS, 1980. 212 p.

RODRIGUES, Sérgio Gouveia SANTANA, Aires Mirelle Souza; SANTOS, Esaú Viana dos; SILVA NETO, Evandro José da. *Combate à Poluição Visual: Um olhar sobre a cidade de Aracaju – SE*. In: XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2011, Recife. *Anais [...]*. Recife: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2011. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-1569-1.pdf>>. Acesso em: 12 ago. 2020.

ROEBER, Alfredo. *Nossa velha nova Cruz Alta*. Unimed – Planalto Central/RS. 2020. Disponível em: <<http://www.unimedplanaltocentralrs.com.br/cruz-alta/>>. Acesso em 14 jul. 2020.

ROLNIK, Raquel. *O que é cidade*. São Paulo: Brasiliense, 1995. 88 p.

ROSSI, Aldo. *A arquitetura da cidade*. São Paulo: Martins Fontes. 1998. 309 p.

SANTOS, Maria Lourdes Lima dos (org). *Cultura & Economia*. Lisboa: Instituto das Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Estudo e Investigação, 1995. 313 p.

SILVA, Mara Regina Kramer. *Um século de arquitetura urbana em Cruz Alta*. Cruz Alta: UNICRUZ, 2000. 94 p.

SILVA, Mateus Veronese Corrêa da. *Um século de história: inventário do patrimônio cultural edificado do 29º GAC AP – Grupo Humaitá no município de Cruz Alta -RS*. Dissertação de mestrado - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufsm.br/handle/1/11063>>. Acesso em: 1 set. 2019.

SIMÃO, Maria Cristina Rocha. *Preservação do patrimônio cultural em cidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. 125p.

SOMEKH, Nadia (Org). *Preservando o patrimônio histórico: um manual para gestores*. São Paulo: Sempre viva produção e conteúdo, 2015. 65 p. Disponível em: <https://www.causp.gov.br/wp-content/uploads/2015/11/Manual_Patrimonio_completo_baixa.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2019.

SOUZA, Leticia Fontanella. *Intervenção urbana na cidade pós-moderna: Rua Trajano Reis em Curitiba*. Monografia do Curso de Pós-Graduação - Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2012. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/souza-leticia-2013-intervencao-urbana-cidade.pdf>> Acesso em: 11 ago. 2020.

TEOBALDO, Izabela Naves Coelho. A cidade espetáculo: efeito da globalização. *Revista do Departamento de Sociologia de FLUP*, Universidade do Porto, v. XX, p. 137-148, 2010. Disponível em: <<http://ojs.letras.up.pt/index.php/Sociologia/article/view/2282>> Acesso em: 04 abr. 2020.











UNICRUZ, Universidade de Cruz Alta. 2020. Disponível em: <<https://home.unicruz.edu.br/universidade-de-cruz-alta/>> Acesso em: 20 mai. 2020.

VAZ, Raquel Maria Filipe Álvares Guedes. *Património: intervir ou interferir?* Coimbra: Dissertação de mestrado - Faculdade de Ciência e Tecnologias da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2009. 155p. Disponível em: <<https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/12523>> Acesso em: 15 mar. 2019.

WELTER, Lahis. 68º *Romaria de Fátima reuniu milhares de pessoas neste domingo em Cruz Alta*. Rádio Progresso de Ijuí FM 92.1. 2019. Disponível em: <<https://www.radioprogresso.com.br/68a-romaria-de-fatima-reuniu-milhares-de-pessoas-neste-domingo-em-cruz-alta/>> Acesso em: 04 de jun. 2020.

ANEXO A - Tabela de Prédios de Interesse Histórico Cultural Municipal










ANEXO 8D – TABELA DE PRÉDIOS DE INTERESSE HISTÓRICO CULTURAL

| Nº | FOTO | NOME | ENDEREÇO / DATA |
|----|---|---------------------|---|
| 1 |  | BANCO DO COMÉRCIO | Av. General Osório, 453 Data: 1920 |
| 2 |  | CASA ABREU SILVA | Rua Venâncio Aires, 1798 Data: 1929 |
| 3 |  | CASA BUENO | Rua Pinheiro Machado, 822 Data: 1884 |
| 4 |  | CASA ANTÔNIO AUDINO | Rua Voluntários da Pátria, 408 Data: 1910 |
| 5 |  | QUARTEL 29º GAC | Av. Padre Pacheco, 100 Data: 1909 |
| 6 |  | AITA | Rua Pinheiro Machado, 1198 Data: 1922 |
| 7 |  | CASA CAMPOS | Av. General Osório, 1293 Data: 1904 |
| 8 |  | CASA CEMIM | Av. General Osório, 1012 Data: anterior a 1955 |
| 9 |  | CASA DINIZ DIAS | Rua Pinheiro Machado, 463 Data: 1933 |
| 10 |  | CASA DUMONCEL | Av. General Câmara, 1032 Data: anterior a 1941 |

ANEXO 8D – TABELA DE PRÉDIOS DE INTERESSE HISTÓRICO CULTURAL

| Nº | FOTO | NOME | ENDEREÇO / DATA |
|----|---|---|--|
| 11 |  | CASA EDLER | Rua General Câmara, 1149 Data: 1927 |
| 12 |  | CASA SPELLET | Av. General Osório, 714 Data: 1930 |
| 13 |  | CASA FERREIRA | Rua Marechal Floriano, 1255 Data: anterior a 1912 |
| 14 |  | CASA FIRMINO DE PAULA FILHO "PALACINHO" | Rua Mariz e Barros, 396 Data: inferior a 1928 |
| 15 |  | CASA FRUTUOSO BRENNER | Rua Pinheiro Machado, 1349 Data: 1920 |
| 16 |  | CASA MORADINI | Rua Padre Pacheco, 400 Data: 1900 |
| 17 |  | CASA ROCHA MONTENEGRO | Rua General Câmara, 1021 Data: anterior a 1921 |
| 18 |  | CASA ROCHA | Rua Pinheiro Machado, 1235 Data: anterior a 1925 |
| 19 |  | PRÉDIO COMERCIAL | Av Venâncio Aires, 1587 Data: anterior a 1922 |










ANEXO 8D – TABELA DE PRÉDIOS DE INTERESSE HISTÓRICO CULTURAL

| Nº | FOTO | NOME | ENDEREÇO / DATA |
|----|---|----------------------------|--|
| 20 |  | CASA VERÍSSIMO DE AZEVEDO | Av. Venâncio Aires, 1551 Data: 1914 |
| 21 |  | ANTIGA DELEGACIA | Rua Cel. Pillar, 442 Data: 1826 |
| 22 |  | CASA VIECELI | Rua Barão do Rio Branco, 498 Data: 1926 |
| 23 |  | CASA WAGNER | Rua Borges do Canto, 675 Data: 1930 |
| 24 |  | ESCOLA SANTÍSSIMA TRINDADE | Rua Pinheiro Machado, 122 Data: 1929 |
| 25 |  | SOLAR BRANDÃO | Av. General Osório, 702 Data: 1925 |
| 26 |  | UNIÃO OPERÁRIA | Av. Presidente Vargas, 1034 Data: 1906 |
| 27 |  | QUARTEL AD3 | Av. General Osório, 1050 Data: 1922 |
| 28 |  | LOJA MAÇÔNICA | Av. Venâncio Aires Data: 1906 |


ANEXO 8D – TABELA DE PRÉDIOS DE INTERESSE HISTÓRICO CULTURAL

| Nº | FOTO | NOME | ENDEREÇO / DATA |
|----|---|-------------------------------------|---|
| 29 |  | IGREJA METODISTA | Av. General Osório, 725 Data: 1924 |
| 30 |  | PRÉDIO COMERCIAL | Rua Cel. Martins esquina Rua Pinheiro Machado Data: 1922 |
| 31 |  | ESTAÇÃO FERROVIÁRIA | Rua Pinheiro Machado, s/n Data: 1892 |
| 32 |  | ANTIGO COLÉGIO RIO BRANCO | Av. General Osório, 860 Data: 1915 |
| 33 |  | CORSAN | Av. Presidente Vargas, 335 Data: 1918 |
| 34 |  | ESTAÇÃO DE TRATAMENTO DE ÁGUA – ETA | Av. Saturnino de Brito, s/n Data: 1930 |
| 35 |  | CAS VERÍSSIMO DE AZAMBUJA | Rua General Portinho, 1274 Data: anterior a 1934 |
| 36 |  | PRÉDIO RESIDENCIAL | Av. Presidente Vargas, 1143 Data: - |
| 37 |  | PRÉDIO RESIDENCIAL | Av. General Osório, 840 Data: - |

ANEXO 8D – TABELA DE PRÉDIOS DE INTERESSE HISTÓRICO CULTURAL

| Nº | FOTO | NOME | ENDEREÇO / DATA |
|----|---|--|--|
| 38 |  | PRÉDIO COMERCIAL BOLICHÃO | Av. General Osório, 379 Data: - |
| 39 |  | CEMITÉRIO PÚBLICO | Rua João José de Barros, s/n Data: 1865 |
| 40 |  | ESCOLA GABRIEL ÁLVARO DE MIRANDA ANTIGO GINÁSIO CRISTO REDENTOR | Rua Procópio Gomes, 870 Data: 1931 |
| 41 |  | PRÉDIO RESIDENCIAL | Rua General Osório, 420 Data: - |
| 42 |  | ANTIGO FÓRUM | Rua Pinheiro Machado, 701 Data: - |
| 43 |  | CLUBE DO COMÉRCIO | Rua Pinheiro Machado, 583 Data: 1934 |
| 44 |  | MONTANHA DE OURO | Rua Barão do Rio Branco esquina Rua Bento Gonçalves, 286 Data: - |
| 45 |  | FERRARIA CACHOEIRA | Rua Barão do Rio Branco, 576 Data: - |
| 46 |  | PRÉDIO RESIDENCIAL | Av. General Câmara, 743 Data: - |

ANEXO 8D – TABELA DE PRÉDIOS DE INTERESSE HISTÓRICO CULTURAL

| Nº | FOTO | NOME | ENDEREÇO / DATA |
|----|---|-----------------------|---------------------------------------|
| 47 |  | CASA MARIA ZENKNER | Rua Mariz e Barros, 193 Data: 1940 |

NOTAS:

Os nomes e datas conferidas aos prédios de interesse histórico cultural aqui destacados são uma referência, os mesmos serão confirmados quando da realização do Inventário do Patrimônio Histórico Cultural.

As fotos do nº 1 ao 33 são de autoria de Antônio Carlos de Souza Telles Ferreira, nº 45 de Tupac Cardoso, nº 46 de Josiane Pillar e as demais de autoria de Bárbara Vieira Nogueira.